

Medicina e política em dois físicos judeus portugueses de Hamburgo

Rodrigo de Castro e o *Medicus Politicus* (1614), e Manuel Bocarro Rosales e o *Status Astrologicus* (1644)*

Florbela Veiga Frade, Universidade do Porto
Sandra Neves Silva, Universidade Nova de Lisboa**

MEDICINA Y POLÍTICA EN DOS MÉDICOS JUDÍOS PORTUGUESES DE HAMBURGO: RODRIGO DE CASTRO Y EL *MEDICUS POLITICUS* (1614), Y MANUEL BOCARRO ROSALES Y EL *STATUS ASTROLOGICUS* (1644).— Desde fines del siglo XVI Hamburgo recibió una constelación de distinguidos médicos portugueses que se integran dentro de la comunidad judía de origen ibérico. En este artículo se examina la contribución intelectual y las implicaciones políticas de las obras de dos de ellos, Rodrigo de Castro (1546-1627), autor de un importante tratado ginecológico, y Manuel Bocarro Rosales (ca. 1588-1662/8?), que escribe varias obras sobre astronomía y astrología de contenido político-mesiánico.

PALABRAS CLAVE: Medicina; Hamburgo; judíos portugueses; siglo XVII; Rodrigo de Castro; Manuel Bocarro Francês; Monarquía Lusitana; sebastianismo.

THE MEDICINE AND POLITICS OF TWO PORTUGUESE JEWISH PHYSICIANS FROM HAMBURG: RODRIGO DE CASTRO AND HIS *MEDICUS POLITICUS* (1614), AND MANUEL BOCARRO ROSALES AND HIS *STATUS ASTROLOGICUS* (1644).— Since the end of the sixteenth century the Hanseatic city of Hamburg received a group of important Portuguese physicians that became members of its Iberian Jewish community. This article examines the intellectual contribution and the political implications of two of them, Rodrigo de Castro (1546-1627), who authored an important book on gynaecology, and Manuel Bocarro Rosales (ca. 1588-1662/8?), who wrote different astrological and astronomical works with a messianic-political content.

KEYWORDS: Medicine; Hamburg; Portuguese Jews; 17th Century; Rodrigo de Castro; Manuel Bocarro Francês; *Monarquia Lusitana*; Sebastianism.

* Para a elaboração deste artigo em muito contribuiu o apoio dispensado pela Prof. Dra. Stephanie Schüler-Springorum e a possibilidade de investigar no Institut für die Geschichte der Deutschen Juden, Hamburg.

** florbelav@gmail.com; sandranevessilva@gmail.com

Honra o médico (...) porque foi o Altíssimo quem o criou. Pois é do Altíssimo que provém a cura, como do rei se recebe um presente. A ciência do médico eleva-o em honra, e é admirado na presença dos poderosos (Sir 38, 1-3).

O presente estudo contempla dois eminentes vultos portugueses da comunidade sefardita de Hamburgo, Rodrigo de Castro (1546-1627/9?) e Manuel Bocarro Francês e Rosales (ca. 1588-1662/8?), observando especificamente como ambos foram médicos que se interessaram pela política. De grande craveira cultural, Castro foi um teórico, que compreendeu e dissertou no seu *Medicus Politicus* (1614) acerca da faculdade do físico se pronunciar e intervir na esfera da governança dos homens; ao passo que Rosales constitui o exemplo prático daquela teorização, a concretização de um paradigma, pois, enquanto circulava nos meios áulicos para tratar de gente da fidalguia, se emiscuía nos assuntos políticos, prestando numerosos serviços diplomáticos e escrevendo, com base em cálculos astrológicos, vaticínios e profecias, sobre futuras mutações dos reinos e estados, havendo especulado veementemente acerca da vinda da derradeira monarquia dos tempos, o governo universal tão bem glosado no seu *Status Astrologicus* (1644).

Embrenhados então na cura dos corpos e na gestão da *res publica*, Castro e Rosales integravam o notável leque de físicos lusitanos de origem judaica, que em seguida veremos de forma sumária.

1. A INSIGNE CONSTELAÇÃO DE MÉDICOS JUDEUS E CRISTÃOS-NOVOS PORTUGUESES: BREVES NOTAS

Até à expulsão em 1497 os físicos judeus praticavam a medicina livremente em Portugal, inclusivamente na Corte. A sua prática assentava nos conhecimentos de Galeno, tornando-se desse modo os principais divulgadores desta forma de abordagem da medicina. Para além de desempenharem a função de médicos, astrónomos e matemáticos participaram activamente nos progressos que levaram às descobertas marítimas¹, um empreendimento que envolveu activamente a Coroa. Entre os séculos XII e XIV destaca-se a família Ibn Yahya cujos membros foram eminentes médicos sendo um dos mais conhecidos Ibn Yahya ben Salomon ligado ao rei D. Fernando de Portugal. Para além desta família, destacaram Moisés Navarro, rabi-mor e médico de D. João I e D. Pe-

¹ Jacques PINES, «Essais sur l'Histoire des Médecins Juifs au Portugal», sep. Imprensa Médica (Lisboa 1953), p. 1 [10 pp.].

dro I², mestre Abraão Guedelha, físico de D. Duarte e de D. Pedro II, mestre Tomás da Veiga e mestre Rodrigo da Veiga, médicos de D. Afonso V³, e também José Vizinho, físico e conselheiro de D. João II. Mestre José, como também era conhecido, traduziu do hebraico para latim o *Almanach Perpetuum* do salamanquino Abraão Zacuto, também ele conselheiro do *Príncipe Perfeito* entre 1493 e 1496/97, tradução essa onde introduziu diversos melhoramentos fruto da sua própria experiência e, provavelmente, com a anuência do autor⁴.

Se a expulsão e conversão forçada dos judeus em Portugal privou o país de muitos dos seus médicos, o período seguinte ao estabelecimento da Inquisição, marcado por perseguições, condenações, confiscos e tributos, acentua essas perdas pela emigração contínua de práticos cristãos-novos. À perda portuguesa correspondeu o ganho dos estados de acolhimento, pois esses médicos não só eram úteis como muitos acabaram por adquirir no estrangeiro uma boa reputação baseada no seu nível científico. Estes médicos, em Portugal e no estrangeiro, desenvolveram a botânica médica, a anatomia, a ginecologia, a medicina legal, a deontologia e a história da medicina. São homens como Garcia de Orta⁵ (ca. 1500-ca. 1568), Zacutus Lusitanus (1575-1642), Rodrigo de Castro (1546-1627) e Amatus Lusitanus (1511-1568)⁶. Este último, também

² PINES, «Essais sur l'Histoire des Médecins Juifs», p. 2.

³ Fernando da Silva CORREIA, «Um Notável Médico Conselheiro do Infante D. Henrique», in *Actas do Congresso Internacional de História dos Descobrimentos* (Lisboa 1961), vol. III, p. 57-78: 59.

⁴ PINES, «Essais sur l'Histoire des Médecins Juifs», p. 2; João Paulo OLIVEIRA e COSTA, «Vizinho, Mestre José», in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses* (Lisboa 1994), vol. II, pp. 1082-1083; Luís de ALBUQUERQUE, «Zacuto, Abraão», in *ibíd.*, pp. 1091-1092.

⁵ Garcia de Orta, filho de Fernão de Orta natural de Valência de Alcântara que se refugiou em Castelo de Vide depois da expulsão dos judeus de Castella, foi submetido ao baptismo forçado em Portugal onde casou com Leonor Gomes de Albuquerque, era protegido de Martim Afonso de Sousa (capitão-mor do mar das Índias, do círculo do Duque de Bragança) e foi médico do rei. Apesar de não ter sido perseguido por práticas judaizantes durante a vida, os seus ossos foram exumados e queimados pela Inquisição em 1580 em Goa. Vários membros da sua família foram presos pela mesma inquisição tendo a sua irmã Catarina de Orta sido relaxada em 1569. Do seu casamento com Brianda de Solis (também de família cristã-nova) teve filhos. Sobre sua família e acusações de judaísmo, ver Possidónio Mateus Laranjo COELHO, «O Santo Ofício no Alto Alentejo», *Memórias da Academia de Ciências de Lisboa* (Lisboa 1955); Augusto da Silva CARVALHO, «Garcia d'Orta. Comemoração do quarto centenário da sua partida para a Índia», *Revista da Universidade de Coimbra* 12 (1934), pp. 61-246; Israel S. RÉVAH, «La Famille de Garcia de Orta», *Revista da Universidade de Coimbra* 19 (1960), pp. 407-420. Sobre a sua proximidade em relação aos homens de poder no Oriente, ver [Francisco Manuel de Melo] Conde de FICALHO, *Garcia da Orta e o seu tempo* (Lisboa 1886).

⁶ PINES, «Essais sur l'Histoire des Médecins Juifs», p. 1.

conhecido por João Rodrigues de Castelo Branco, foi professor da Universidade de Ferrara e colega e amigo de Tomás Rodrigues da Veiga (1504-1554), também ele médico e professor da Universidade de Coimbra.

A prática da medicina da Época Moderna estava ainda muito ligada à magia, à alquimia e ao ocultismo, sendo frequente em Espanha, França e Holanda a prescrição medicamentosa baseada em deduções astrológicas. Procurava-se resolver problemas de saúde pela consulta de magos e até mesmo rabinos foram autorizados a fazê-lo. Os próprios médicos eram incentivados a estudar astrologia cujos conhecimentos eram partilhados por escolares e camponeses⁷. A resistência dos sectores mais conservadores à mudança e o apego à autoridade dos antigos leva a que em Portugal os livros de Paracelso (1493-1541) ainda fossem proibidos pela Inquisição no século XVII⁸. Tal não significa o desconhecimento completo da obra deste inovador, pois havia uma circulação restrita deste novo saber; porém, continua a existir um claro predomínio do pensamento médico galénico; ainda assim, uma coisa é o ensino universitário e outra é a aprendizagem que resulta da prática e do que se descobre informalmente com os pares. Com os Descobrimentos há um «renascimento» nos saberes médicos, não só pelo regresso às fontes clássicas, mas sobretudo pela incorporação na medicina portuguesa de novas drogas, especialmente as da Ásia depois de 1498, e pela crescente divulgação dos conhecimentos médicos através da imprensa. Deste modo, a prática médica é renovada através do naturalismo filosófico e do experimentalismo, pelo que a ciência médica se foi gradualmente emancipando das autoridades tradicionais, passando a reger-se pelo princípio de ver para crer e crer no que se demonstra.

A boa preparação cultural e científica que caracterizou os médicos portugueses em geral e cristãos-novos em particular tornou-se possível através da manutenção da tradição e dos conhecimentos clássicos e da relativa abertura aos novos avanços da «arte» sem desprezar o saber de experiência feito. Contudo, as condições particulares existentes ao tempo na Península ibérica (por exemplo, os ofícios públicos estavam limitados e muitas vezes vedados aos cristãos-novos, levando na diáspora à dispersão dos médicos) terão impedido o aparecimento duma verdadeira nova escola médica, pese embora o facto

⁷ Hirsch J. ZIMMELS, *Magicians, Theologians and Doctors* (London 1952), pp. 4, 15-16. Sobre a medicina popular cf. Timothy WALKER, *Doctors, Folk Medicine and the Inquisition* (Leiden 2005).

⁸ Archivo Nacional da Torre do Tombo [= ANTT], Inquisição de Lisboa, Livro 203, fl. 567-567v.

de muitos deles se terem destacado individualmente como bons praticantes e assim terem obtido o reconhecimento geral.

Com efeito, durante os séculos XVI e XVII, chegaram à cidade de Hamburgo vários médicos cristãos-novos que fugiam das perseguições inquisitoriais em Portugal. Estes, na verdade, viriam a constituir um admirável e singular grupo de físicos que se distinguiram tanto por serviços clínicos prestados a duques, príncipes e reis como por uma série de obras eruditas que compuseram e publicaram em numerosas e importantes cidades da Europa. Entre eles conta-se então Rosales, que se distinguiu com poemas e escritos astronómico-matemáticos; Castro⁹, autor de relevantes tratados médicos; o filho deste Bento de Castro, aliás Baruch Namias (1597-1684), físico da rainha Cristina da Suécia e redactor, entre outros escritos, do polémico *Tratado da Calumnia* (1629); Samuel da Silva (1570/1-1631), hebraísta e autor do célebre *Tratado da Imortalidade da Alma* onde refutou alguns dos postulados de Uriel da Costa (1583/4-1640); e Benjamim Mussaphia (1606?-1674), filólogo e profícuo escritor, que redigiu a curiosa *Mezahab Epistola* (1638) tratando do ouro alquímico. A par dos referidos, foram ainda notáveis médicos na cidade de Hamburgo: Diogo Gomes Pimentel, Henrique Rodrigues (Samuel Coen), Jorge Dias (Samuel Abas), Manuel Henriques (David Pelegrino), Isaac Pereira e Isaac Pimentel (?-1682).

Desta insigne constelação de físicos portugueses de Hamburgo, vamos então abordar as figuras de Castro e Rosales, homens que marcaram a cultura escrita de seu tempo. Ambos nascidos em Lisboa e alcançando grande relevância na cidade de Hamburgo, parecem no entanto não se ter chegado a conhecer, pois, como veremos, Castro abandonou Portugal por volta de 1588, altura em que nasce Rosales, e este apenas terá chegado a Hamburgo já depois do falecimento daquele. Apesar de não ter havido uma convivência entre os dois, Rosales, ao que parece, terá privado com os filhos de Castro, sobretudo com Bento de Castro: segundo Francisco Moreno Carvalho, em 1631 Rosales, sob o pseudónimo «Philaletes Lusitanus», redigiu um pequeno texto no *Flagellum Calumniatum* de Bento de Castro, obra publicada em Amesterdão, prefaciada pelo eminente físico Zacuto Lusitano e votada a defender os médicos portugueses das calúnias que lhes eram imputadas¹⁰; dois anos mais tarde, quer Rosales quer Bento de Castro escreviam composições elogiosas na

⁹ Jacques PINES, «Les Médecins Juifs en Allemagne», sep. Imprensa Médica (Lisboa 1953), p. 3 [6 pp.].

¹⁰ FRANCISCO MORENO CARVALHO, «Zacuto Lusitano e um Tratado de Medicina Dirigido ao Brasil», in *Em Nome da Fé. Estudos in Memoriam de Elias Lipiner*, ed. Nachman FALBEL, Avraham MILGRAM & Alberto DINES (São Paulo 1999), pp. 57-74: 61.

Gramatica Hebraica de Moseh Gidhon Abudiente (1610-1688), apresentando o primeiro uma ode e um epigrama latinos celebrando o hebraico como idioma celestial e o segundo o *encomio*, onde, vendo a língua como um espelho do coração ou um pincel que retrata os mais elevados conceitos da alma, elege o hebraico como o mais nobre e resplandesciente de todos os idiomas, qual ouro entre os metais ou sol entre os planetas.

Ainda que não se tivessem cruzado, Castro e Rosales possuíam várias semelhanças em seus percursos existenciais, como veremos: com tradições médicas em suas famílias, foram cristãos-novos que abandonaram Portugal e abraçaram a ortodoxia mosaica em Hamburgo; vocacionados para os estudos, adquiriram a sua formação clínica em universidades espanholas, à altura muito prestigiadas; eruditos e reputados, destacaram-se como figuras da ciência, buscando inovação; e, conhecidos pelos homens de seu tempo, eram físicos que estimavam e se preocupavam com os domínios do governo, pois Castro teorizou sobre o facto da política constituir uma área da acção médica e Rosales, encarnando esta ideia, colocou-a em prática, mediante os seus labores diplomáticos, cálculos astrológicos e escrita profetizante. Façamos então uma incursão pelo itinerário de vida e parte do contributo cultural de cada um deles.

2. RODRIGO DE CASTRO E O *MEDICUS POLITICUS* DE 1614

2.1. *Vivências entre dois mundos: do Portugal católico à «judiaria» de Hamburgo*

Rodrigo de Castro nasceu em 1546 em Lisboa¹¹ e morreu em Hamburgo a 1 de Fevereiro de 1627¹². Era filho de André Fernandes ou Jacob Neemias e de Leonor de Castro. Casou com Catarina Rodrigues, aliás Ribca Rodrigues, que faleceu em 1602 naquela cidade hanseática, e, posteriormente, contraiu

¹¹ PINES, «Essais sur l'Histoire des Médecins Juifs», pág. 5; José Lopes DIAS, «Médecins Portugais de la Renaissance en Europe», *Estudos de Castelo Branco. Revista de História e Cultura* (1971), p. 22 (separata). Outros autores apontam uma data arredondada, ou seja, cerca de 1550 como Harry FRIEDENWALD, «Jewish Physicians of Spain and Portugal. Historical Notes and Anecdotes», *Medical Life* 45 (Jul. 1938), p. 11 (separata); J. Lúcio de AZEVEDO, *História dos Cristãos-Novos Portugueses* (Lisboa 1989³), pp. 414-415.

¹² Esta data foi calculada por Michael Studemund-Halévy baseada numa lápide que se encontra no Cemitério de Altona em Hamburgo, partindo do pressuposto que a data hebraica é a correcta e tendo em conta o calendário gregoriano na conversão para a datação comum. Na fonte epigráfica lê-se 15 shevat 5387-22/1/1627.

matrimónio com Isabel Henriques ou Ana Aboab Cardoso¹³, também na Alemanha.

A medicina era uma tradição de família. O pai e o tio materno, o médico Manuel Vaz, serviram quatro reis portugueses (D. João III, D. Sebastião, cardeal D. Henrique e D. Filipe I)¹⁴: Pedro Vaz, também tio materno de Castro, estudou Medicina em Salamanca, praticou em Ávila e Barcelona, sendo citado por Zacuto Lusitano¹⁵; e por fim, outro tio materno, Aires Vaz, foi físico do rei D. João III (1521-1557), sendo enviado por este a África para tratar o rei de Fez¹⁶. Por conseguinte, não é de estranhar que os filhos de Castro tenham seguido o mesmo caminho, Bento ou Benedito de Castro foi, como acima referido, médico da rainha Cristina da Suécia e Daniel de Castro tratou de Cristiano IV da Dinamarca (1588-1648)¹⁷.

Castro tinha duas irmãs, sendo uma delas, Leonor Pais, casada e com filhos¹⁸. O seu irmão Francisco também saiu de Portugal e fixou-se em Hamburgo, tomando o nome de Jacob Neemias ou Namias. Por seu lado, Castro estudou medicina e filosofia nas universidades de Coimbra, Évora e Salamanca¹⁹ obtendo o grau de doutor²⁰. Ao longo do seu percurso académico foi aluno em medicina

¹³ Marian SÁRRAGA & Ramon F. SÁRRAGA, «Some Episodes of Sephardic History», in *Die Sefarden in Hamburg* (Hamburg 1997), vol. II, pp. 661-719: 670-673, 709-710, dão conta duma sepultura de Jacob Namias que poderá ser a do pai de Rodrigo de Castro; Michael STUEMUND-HALÉVY, *Biographisches Lexikon der Hamburger Sefarden* (Hamburg 2000), pp. 678-684. A data de falecimento de Rodrigo de Castro apontada por Kayserling em *Biblioteca Española-Portuguesa-Judaica* (New York 1971), pp. 36-37 não é, portanto, correcta.

¹⁴ DIAS, «Médecins Portugais de la Renaissance», p. 22; Alfonso CASSUTO, «Elementos para a História dos Judeus Portugueses de Hamburgo» (s.l., s.d.), pp. 10-11, 19 (separata, 31 pp.); Harry FRIEDENWALD, *The Jews and Medicine* (New York 1967), vol. II, p. 449.

¹⁵ FRIEDENWALD, *The Jews and Medicine*, vol. II, p. 449.

¹⁶ DIAS, «Médecins Portugais de la Renaissance», p. 22; FRIEDENWALD, *The Jews and Medicine*, vol. II, pp. 449-450. De acordo com Friedewald, Aires Vaz foi preso pela Inquisição como herético e judeu secreto mas foi libertado com uma bula do papa Paulo de 1541 que protegia a família Vaz contra a Inquisição.

¹⁷ Diogo BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana Historica, Critica e Cronologica* (Coimbra 1966), t. III, p. 640; FRIEDENWALD, «Jewish Physicians of Spain and Portugal», p. 12.

¹⁸ Pedro A. DIAS, «Rodrigo de Castro. Apontamientos para a biographia do creador da gynecologia», *Archivos de História da Medicina Portuguesa* 2 (Porto 1888), pp. 6-11, 40-44, 85-89, 97-102, 165-170: 88.

¹⁹ STUEMUND-HALÉVY, *Biographisches Lexikon*, pp. 678-684 e 704.

²⁰ FRIEDENWALD, *Jews and Medicine*, vol. II, pp. 450.

de Rodrigo de Sória e de Pedro Bravo e em cirurgia de André de Valcacer²¹. Provavelmente quando ingressou na universidade de Salamanca já era habilitado em gramática e bacharel em Artes, requisito para a frequência da faculdade médica. O curso de medicina durava quatro anos, findos os quais o estudante era examinado por todo corpo docente. Em caso de aprovação era concedido o grau de doutor, mas o diploma apenas era passado depois de passar dois anos a acompanhar algum médico que atestava o grau e a prática do candidato²².

O doutoramento na universidade de Salamanca era de grande aparato e despesa, assim parecendo ter sido o de Castro. Após tais cerimónias e de ter recebido o diploma, dirigiu-se a Portugal²³, desempenhando as suas funções de médico em Évora e Lisboa²⁴, depois de examinado por dois físicos da Corte²⁵, condição necessária à prática da medicina nos reinos e senhorios de Portugal.

A sua experiência como físico em Lisboa e em Évora é referida pelo próprio Castro nas suas obras. De acordo com o seu relato, no porto de Lisboa, quando se aprestava a Invencível Armada, teve um papel crucial na identificação de falsos doentes que tentavam escusar-se ao alistamento²⁶ e desmascarou uma mulher que pretendia escapar ao exílio alegando motivos de saúde²⁷, confirmando-se desse modo o seu talento.

²¹ DIAS, «Médecins Portugais de la Renaissance», p. 22; DIAS, «Rodrigo de Castro», p. 9.

²² DIAS, «Rodrigo de Castro», pp. 6-7.

²³ Muitos recém-formados a contentavam-se com o grau de licenciado ou de bacharel, outra opção era combinarem entre si a graduação de dois ou mais estudantes para dividirem a despesa ou ainda esperarem por um luto público para poderem solicitar a concessão do grau sem pompa o que era malvisto pela academia e pelos representantes da cidade. O ritual universitário começava na véspera, o corpo docente ataviava-se então com as suas insígnias e percorria a cavalo as ruas da cidade até ao Colégio Trilingue, cortejo este antecedido por músicos. No colégio eram servidos refrescos e distribuídos doces antes duma lauta ceia. No dia do doutoramento fazia-se a imposição do grau na catedral onde se distribuía avultadas propinas, o corpo docente ricamente adornado seguia então para a praça de touros onde também estava o corregedor da cidade. Eram servidos refrescos e distribuía-se pelo povo que estava na praça duas arrobas de confeitos e 300 reales em moedas de ochavo. Também se davam garrochas que os catedráticos atiravam aos touros. O acto terminava com uma merenda; cf. DIAS, «Rodrigo de Castro», pp. 9-11.

²⁴ FRIEDENWALD, *The Jews and Medicine*, vol. II, p. 450.

²⁵ DIAS, «Rodrigo de Castro», p. 40. De acordo com o *Regimento do Físico Mor* decretado em 25/2/1521 por D. Manuel.

²⁶ DIAS, «Rodrigo de Castro», pág. 42; Alfred FEILCHENFELD, *Aus der Älteren Geschichte der Portugiesisch-Israelitischen Gemeinde in Hamburg* (Hamburg 1898), p. 6.

²⁷ DIAS, «Rodrigo de Castro», p. 43.

As suas capacidades foram reconhecidas por D. Filipe I de Portugal (1580-1598), que lhe concedeu honorários e privilégios. Propôs enviá-lo ao Estado da Índia para continuar os estudos de Garcia da Orta e de Cristóvão da Costa com a tarefa de procurar e levar à Península as plantas de todo o Oriente, devendo Rodrigo confrontar as descrições dos gregos e árabes e classificá-las acrescentando as anotações que considerasse necessárias. Embora muito honrado, Rodrigo acabou por não aceitar a proposta²⁸, ou simplesmente não a pôde aceitar uma vez que D. Filipe I, reforçou as leis contra os cristãos-novos, o que se agravou na década de 1590. Para além disso, as dificuldades colocadas aos médicos de origem judaica pelo Santo Ofício pressionava-os ao exílio.

Depois de abandonar Portugal, por volta de 1588²⁹, Castro esteve em Antuérpia, onde conheceu o Dr. Henrique Rodrigues³⁰, e residiu posteriormente algum tempo em Haia, daí dirigindo-se a Hamburgo onde a sua presença é assinalada em 1591³¹, 1592³², ou 1594³³. No entanto, a prova documental mais antiga a que se teve acesso sobre a presença de Castro nesta última cidade data apenas de 1595 em dois róis, um dos moradores junto a S. Nicolai Derck e outro dos primeiros sete chefes de família portugueses que estavam naquela cidade com as suas casas³⁴.

Durante a peste que assolou Hamburgo em 1595, teve um papel importante no seu combate, pois este flagelo era conhecido de Castro por o ter observado e combatido em Lisboa em 1569 e 1579. Continuou então o seu estudo, analisando a natureza, as causas, a profilaxia e o tratamento da doença e na sequência disso escreveu *Tractatus Brevis de Natura et Causis Pestis*³⁵, publi-

²⁸ DIAS, «Rodrigo de Castro», p. 44; FRIEDENWALD, *Jews and Medicine*, vol. II, p. 450.

²⁹ DIAS, «Rodrigo de Castro», p. 88; DIAS, «Médecins Portugais de la Renaissance», p. 22.

³⁰ DIAS, «Rodrigo de Castro», pp. 88-89. Henrique Rodrigues era genro e sobrinho de Henrique Dias de Milão, irmão de Beatriz Rodrigues casada com Gomes Rodrigues Milão (Daniel Abensur).

³¹ Aron de Leone LEONI & Herman P. SALOMON, «La Nation Portugaise de Hambourg en 1617 d'après un document retrouvé», in *Memorial I.-S. Révah*, ed. Henri MECHOULAN, Gérard NAHON (Paris 2001), pp. 263-293: 282.

³² STUEMUND-HALÉVY, *Biographisches Lexikon*, p. 679.

³³ KAYSERLING, *Biblioteca Española*, pp. 36-37; David RUDERMAN, *Jewish Thought and Scientific Discovery in Early Modern Europe* (New Haven 1995), p. 295.

³⁴ Staatsarchiv Hamburg [= SAH], Senat, CL VII Db nr 21, vol. 1, p. 14 (um Rodrigo de Castro, médico é referido no rol de pessoas junto de S. Nicolai); Hermann KELLENBENZ, *Unternehmerkräfte im Hamburger Portugal- und Spanienhandel 1590-1625* (Hamburg 1954), p. 242.

³⁵ DIAS, «Rodrigo de Castro», p. 98.

cado em 1596 em Hamburgo na casa de Jacobum Lucium Junioirem³⁶. Desta obra existem actualmente exemplares em várias bibliotecas alemãs, como por exemplo na Bayerische Staatsbibliothek (München), na Universitätsbibliothek Erlangen-Nürnberg, na Sächsische Landesbibliothek Dresden, na Staats- und Universitätsbibliothek Göttingen e na Staats- und Universitätsbibliothek Hamburg.

A importância de Castro era reconhecida pela sociedade hamburguesa cujo crédito pode atribuir-se em parte ao tratamento que aquele dispensou à gravemente enferma esposa de Baltazar d' Alefeld, o conselheiro do rei da Dinamarca, governador de Flensburg³⁷. Castro colheu deste modo a gratidão e favor da família Alefeld.

Em Hamburgo constituiu família, embora antes Castro tenha casado ou ajustado casamento com Catarina Rodrigues em Antuérpia³⁸. No rol dos primeiros anos de 1600 entregue pela *Nação* portuguesa ao Senado de Hamburgo surge Castro com a sua esposa e dois filhos³⁹ e na listagem de 1612 aparecem também mencionadas outras crianças pequenas residindo numa casa detrás da igreja de S. Pedro⁴⁰. Aí viveram como católicos sendo os seus primeiros dois filhos baptizados e a sua esposa enterrada num cemitério católico⁴¹. A conversão ao judaísmo deu-se cerca de 1612⁴², persuadido por Henrique Rodrigues, aliás Samuel Coen⁴³, adoptando então o nome David Neemias ou Namias na comunidade judaica, embora também fosse conhecido anteriormente pela alcunha de Dr. Tirano⁴⁴, pelo menos em Portugal. O nome judaico era partilhado com, pelo menos, dois outros membros da *Nação* portuguesa da mesma altu-

³⁶ BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, t. III, pág. 639; também referenciada por Harry FRIEDENWALD, *Jewish Luminaries in Medical History* (Baltimore 1946), p. 54.

³⁷ DIAS, «Rodrigo de Castro», p. 98.

³⁸ DIAS, «Rodrigo de Castro», pp. 98-99.

³⁹ Alfonso CASSUTO, «Neue Funde zur ältesten Geschichte der Portugiesischen Juden in Hamburg», *Zeitschrift für die Geschichte der Juden in Deutschland* 1 (1931), pp. 58-72: 64.

⁴⁰ CASSUTO, «Neue Funde», p. 68; Herman KELLENBENZ, *Sephardim an der Unteren Elbe* (Wiesbaden 1958), p. 327, n. 9.

⁴¹ KELLENBENZ, *Sephardim*, p. 327. Mais tarde, por volta de 1628, o corpo foi trasladado para o cemitério judaico, cf. Michael STUDEMUND-HALÉVY, «Rodrigo de Castro», in *Dicionário do Judaísmo Português* (Lisboa 2009), p. 149.

⁴² RUDERMAN, *Jewish Thought and Scientific Discovery*, p. 295.

⁴³ KELLENBENZ, *Sephardim*, p. 327; Cecil ROTH, *História dos Marranos* (Porto 2001), p. 155.

⁴⁴ ANTT, Inquirição de Lisboa, proc. 12493 (Heitor Mendes Bravo), fl. 10v.

ra⁴⁵. De acordo com o citado rol de 1612 um dos David Namias vivia numa casa na Herrlichkeit, enquanto Castro manteve a mesma residência por detrás da igreja de S. Pedro⁴⁶.

A sua segunda obra *De Universa Muliebrum Morborum Medicina* foi publicada pouco antes ou depois da sua primeira mulher, Catarina Rodrigues, ter falecido em 1603 de febre numa terceira gravidez⁴⁷. Este texto é considerado pelos entendidos como a mais importante obra deste autor pois constitui um tratado sobre as doenças das mulheres, o que concede a Castro a categoria dum dos fundadores da ginecologia. Resulta do estudo paulatino deste tipo de enfermidades por parte de Rodrigo e pode depreender-se por esta obra e pelos seus escritos que, durante o curso em Salamanca ou posteriormente, dissecou cadáveres de mulheres⁴⁸. A partilha destes conhecimentos com os seus pares e a sua divulgação contribuíram para o bem-estar da mulher⁴⁹ e para o aumento do conhecimento nesta área de medicina, até aí pouco estudada.

De acordo com Friendenwald, o *De Universa* foi publicado em 1603 em Colónia⁵⁰ e também em Hamburgo na oficina frobeniana. Desta impressora hamburguesa saiu à estampa em 1617 uma nova edição e uma reedição em 1628. Posteriormente, em 1644, há uma impressão de Veneza da casa de P. Baleonius. Em Hamburgo fez-se nova publicação em 1662, mas na casa de Hertel. E, por fim, em Colónia da casa de S. Noethen saiu em 1689 uma nova reedição⁵¹. Por outro lado, Barbosa de Machado para além das edições de Hamburgo de 1603, da de Veneza de 1644 e da de Colónia de 1689 refere ainda outras edições como a de Hanover de 1654 e a de Frankfurt de 1668. No entanto ao indicar a edição de 1662 refere ter sido levada à estampa em Colónia nas oficinas de Zachariam Hertelium⁵², ou Hertel, um impressor de Hamburgo e não de Colónia.

⁴⁵ STUEMUND-HALÉVY, *Biographisches Lexikon*, p. 684. Este autor apresenta dois David Namias com sepultura em Altona. Um faleceu em 1627 numa data posterior ao Dr. David Namias e o outro é referido como o velho, filho de Jacob Namias, que faleceu em 1643.

⁴⁶ SAH, *Senat*, CLVII, Lit HF, nr. 5 vol. 3 a, fasc. 3, fl. 110v.-111.

⁴⁷ DIAS, «Médecins Portugais de la Renaissance», pp. 22-23; RUDERMAN, *Jewish Thought and Scientific Discovery*, p. 295.

⁴⁸ DIAS, «Rodrigo de Castro», pp. 8-9.

⁴⁹ DIAS, «Rodrigo de Castro», p. 99.

⁵⁰ Segundo Leoni e Salomon a primeira edição de Colónia é de 1599 e teve sete reimpressões cf. LEONI & SALOMON, «La Nation Portugaise de Hambourg», p. 282.

⁵¹ FRIEDENWALD, *Jewish Luminaries*, pp. 54-55.

⁵² BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, t. III, pp. 639-640.

Assim e tendo em conta Friedenwald e Barbosa de Machado existem nove edições da obra *De Universa Mulierum* de Castro, a saber duas de 1603, uma de Colónia e outra de Hamburgo; duas de Hamburgo de 1617 e de 1628; uma de Veneza de 1644; uma de Hanover de 1654; uma de Hamburgo de 1662; uma de Frankfurt de 1668; e finalmente uma de Colónia de 1689.

Na Biblioteca Nacional de Portugal existem quatro exemplares⁵³ do *De Universa Mulierum Medicina*. A edição de Colónia de 1603 publicada em dois livros, um com a parte teórica dedicada a Benedito Alefeld e outro com a parte prática antecedida da dedicatória a Baltazar Alefeld. Da cidade de Hamburgo existem as edições de 1603 e 1662, a primeira saída da Oficina Frobeniana e a última da impressora de Zacharias Hertelium. Estas três publicações são semelhantes, no entanto a de Hamburgo de 1603 parece ser conforme a de Colónia pois possui duas partes distintas com dedicatórias diversas e numeração de páginas que sugere a publicação em separado, embora a encadernação reúna as duas partes num mesmo livro. A obra que saiu à estampa em Hamburgo em 1662 também possui as duas partes, mas desta vez sem as dedicatórias e com uma numeração contínua o que sugere uma impressão conjunta. Também faz parte do espólio da mesma biblioteca a edição de Veneza de 1644 da oficina de Paulum Baleonium.

Mas voltando à vida e família Castro, o irmão de Rodrigo que se assumiu judeu com o nome Jacob Namias faleceu sem deixar descendência. Para tentar impedir a cunhada de voltar a casar, Castro quis poder exercer o levirato, embora ele próprio fosse casado na altura. Os chefes da comunidade portuguesa de Hamburgo usaram a sua autoridade e declararam *herem* ('excomunhão') ao referido médico que, por sua vez, os denunciou ao Senado. O rabino de Veneza, Leon de Modena, depois de alguma hesitação pronunciou-se sobre esta questão e deu razão aos chefes da *Nação* portuguesa. Nessa altura, Rodrigo escreveu e publicou uma obra conhecida como o *Tratado de Herem* onde defende a sua posição⁵⁴. Este tratado em português⁵⁵ antecedeu a publicação em 1614 do *Tratado da Halisse*⁵⁶, estando ambos perdidos, embora alguns autores

⁵³ A edição de Colónia de 1603 com a cota SA 2597 (microfilme FC 1420); a de Hamburgo de 1603 da oficina Frobeniana tem as cotas Res 1552//1 e 2 A, enquanto a de 1662 de Hertelium possui a cota Res 4620 V (microfilme FR 472). A edição de Veneza de Paulum Baleonium está catalogada como Res 3007 V. Já na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra só existe a edição de 1689 de Colónia da oficina de Servatius Noethen que pertenceu a António da Silva Carvalho (1861-1957).

⁵⁴ LEONI & SALOMON, «La Nation Portugaise de Hambourg», p. 283.

⁵⁵ Michael STUEDEMUND-HALÉVY, «Sephardische Bücher und Bibliotheken in Hamburg», *Menora* 8 (1997), pp. 150-180: 160. Segundo este autor trata-se do primeiro livro escrito exclusivamente em português na cidade de Hamburgo.

⁵⁶ KAYSERLING, *Biblioteca Española*, pp. 36-37.

indiquem tratar-se duma única obra. A autoria destas obras é corroborada por Johannes Moller (1661-1725) em *Cimbria Litterata*⁵⁷ e também por Vicent Placcius (1642-1699), professor do Akademischen Gymnasium de Hamburgo, quando diz ser Castro o autor do *Tratado de Herem*⁵⁸.

As referências aos dois tratados são raras, no entanto sabe-se que o *Tratado de Herem* tinha mais de trezentas páginas. Permanecem referências a um exemplar na biblioteca de Hamburgo, consultado por Isler, mas que desapareceu no decorrer da Segunda Guerra Mundial, e um exemplar manuscrito que consta dum rol de obras da biblioteca particular de Laurentii Normanni⁵⁹. Facto certo é a publicação em 1614 de *Medicus Politicus* que se tratará adiante.

A relação entre Castro e o Senado de Hamburgo foi de grande proximidade o que levantou algumas polémicas, nomeadamente com os dirigentes luteranos. A importância deste médico e o seu reconhecimento por parte da cidade e dos seus representantes traduziu-se no facto de ser o único judeu a poder construir e possuir uma confortável casa no centro da cidade⁶⁰, na *Wallstrasse*⁶¹, apesar de diversas manifestações de desagrado.

Numa carta de 1617 dos dirigentes luteranos ao Senado de Hamburgo, as autoridades religiosas enfatizavam que os judeus não tinham direito à propriedade nem à sua hereditariedade, protestando porque Castro tinha rompido com essa regra com o beneplácito dos burgomestres. As autoridades luteranas consideravam Castro como um homem ávido de honra que ofuscava as sensibilidades cristãs pela poligamia a que aspirava –acusação que se referia aos acontecimentos envolvendo a tentativa de levirato– e para além disso estava sempre disposto ao ganho⁶². Apesar de todas estas polémicas Castro continuou a ser prezado pelos membros do Senado da cidade de Hamburgo e foi inclusivamente médico pessoal do bispo de Bremen, do conde de Hessen, e de Cristiano IV da Dinamarca⁶³.

⁵⁷ Michael STUEMUND-HALÉVY, «Zwischen Amsterdam und Hamburg Sephardische Bücherschicksale im 17. Jahrhundert», in Norbert REHRMANN & Andreas KOECHERT (eds.), *Spanien und die Sepharden* (Tübingen 1999), pp. 69-92: 83.

⁵⁸ STUEMUND-HALÉVY, «Sephardische Bücher», p. 179, n. 80.

⁵⁹ LEONI & SALOMON, «La Nation Portugaise de Hambourg», p. 283, n. 99.

⁶⁰ RUDERMAN, *Jewish Thought and Scientific Discovery*, p. 296.

⁶¹ Hans-Joachim SCHOEPS, «Die Arztfamilie de Castro. Ein Beitrag zur Medizingeschichte des Barock», in Joseph SCHUMACHER (ed.), *Melemata. Festschrift für Leibbrand zum Siebzigsten Geburtstag* (Mannheim 1967), pp. 123-128: 123.

⁶² LEONI & SALOMON, «La Nation Portugaise de Hambourg», pp. 268-269.

⁶³ FEILCHENFELD, *Aus der Älteren Geschichte*, p. 6; ROTH, *História dos Marranos*, p. 155.

Rodrigo ficou até ao fim dos seus dias em Hamburgo⁶⁴, o que parece ter ocorrido em 1627, sendo enterrado no cemitério judaico de Altona⁶⁵. Contudo existe uma carta de Castro datada de 16 de Julho de 1629 na edição de Leiden de 1649 da obra *De Medicorum Principium* de Zacuto. Esta missiva já havia sido apontada por Chincilla mas Pedro Dias, biógrafo de Castro, atribuiu-a ao Dr. Estêvão Pires de Castro, que professou medicina na universidade de Pisa⁶⁶.

Apesar de existirem edições anteriores⁶⁷ do *De Medicorum Principium* a carta de Castro apenas surge entre os encomiásticos das edições feitas em Leiden em 1649 e em 1657, não existindo qualquer dúvida sobre a autoria do Dr. Castro quanto mais não seja porque nela refere especificamente e na primeira pessoa a obras suas *De Universa Mulierium Medicina* e *Medicus Politicus* que teriam sido comentadas por Zacuto Lusitano, conforme se pode ver abaixo:

Clarissime, ac sapientissime vir. Literis tuis copia, aut eruditione non satisfaciam: nam aetas grauis, continua studia, & maximi labores, ita animi vigorem debilitarunt, vt iam nec amicis satisfacere, nec ea parastare possim, quae maxime vellem. Omissis igitur laudibus, quas pro tua in me beneuolentia, nec vlllo tamen meo mérito, mihi tribuis, pro commentariis quos in libros de vniuersa mulierum medicina conscripsimus, Exemplar de Medico Politico, ad te potissimum Medicum transmitro. Fuit senectutis lus, in quo quae inter seria studia occurrerunt, quaeve longa dies mihi monstrauerat, posteritati communicare decreui. Immortales vero tibi pra-

⁶⁴ PINES, «Essais sur l'Histoire des Médecins Juifs», p. 5; DIAS, «Médecins Portugais de la Renaissance», p. 22.

⁶⁵ LEONI & SALOMON, «La Nation Portugaise de Hambourg», p. 283; STUEMUND-HALÉVY, *Biographisches Lexicon*, pp. 678, 683. Este último autor aponta 15 shevat 5387 como data de falecimento de Rodrigo de Castro. A conversão para a era comum seria 1 de Fevereiro de 1627, no entanto 20 de Janeiro é o que se encontra inscrito na sepultura logo abaixo da referida data judaica.

⁶⁶ DIAS, «Rodrigo de Castro», p. 100, n. 1.

⁶⁷ Nomeadamente Zacuto LUSITANO, *In Quibus Medicinales omnes Medicorum Principium Historiae, de morbis internis, & febribus, utili, & compendioso ordine dispositae proponuntur, Paraphrasi, & comentariis enarrantur, disputationibus, Bubijs, & peculiaribus observationibus illustrantur* (Lugduni, Joannis Maire, Henrici Laurentij, 1629); *In Quibus Medicinales omnes Medicorum Principium Historiae, de morbis internis, & febribus, utili, & compendioso ordine dispositae proponuntur, Paraphrasi, & comentariis enarrantur, disputationibus, Bubijs, & peculiaribus observationibus illustrantur* (2ª edição, Amesterdão, Henrici Laurentij, 1637); *De Medicorum Principium Historia. Liber quintus. In quo Medicinales omnes Medicorum Principium Historiae, de veneris, morbis venenosis, & Antidotis Graphicé examinantur...*, (Amesterdão, Henrici Laurentij, 1638); *De Medicorum Principium Historia. Liber quintus. In quo Medicinales omnes Medicorum Principium Historiae, de veneris, morbis venenosis, & Antidotis Graphicé examinantur...*, (Amesterdão, Henrici Laurentij, 1639).

esto gratias, pró primo de Medicorum Principium Historia libro; in quo alios quinque de eodem argumento polliceris. O! Quam suavis, elegans, & Reipubl. Medicae utilis est! Professoribus iucundus, Praxin exercentibus necessarius! Dubia sunt electa, quaestiones nouae, arduae, difficiles, explanatio Historiae certa. Demum si codices, & testimonia vetera Galeni, incursu barbarorum, vel omnia pereant, pro cunctis vnum te habeat Medicorum natio, secura quasi nihil amiserit, quem libentissime legat, imitetur, & colat. Me ergo tui studiosissimum solita beneuolentia prosequi non desistas. Hamburgi, 16 Iul. 1629⁶⁸.

Deste modo, permanece a dúvida sobre a possibilidade de existirem erros gráficos ou epigráficos quanto às datas, ou de homónimos no que se refere à pedra tumular.

2.1. Medicina sagrada, a conduta do físico e intervenção na sociedade

De acordo com autores como Guillén e Maravall, no século XVI e XVII um novo tipo de escrita se salientou, a que contempla a ideia de que a medicina possui fins políticos. Esta característica aliada à mentalidade inquisitorial conduziu à produção de obras como o *Retrato del Perfecto Medico* de Henrique Jorge Henriques e o *Medicus Politicus* de Castro⁶⁹. A literatura médico-política, como é definida por David Ruderman, emerge duma realidade marcadamente determinada pela Inquisição na qual a medicina, tal como o Santo Ofício, normaliza e controla disciplinarmente a conduta do corpo e do espírito. O físico seria então um género de governador político de um microcosmos à semelhança do monarca que governa o mesocosmos.

A obra de Castro *Medicus Politicus sive de Officiis Medico-Politicis Tractatus* foi publicada em Hamburgo em 1614 na oficina de Frobenius e posteriormente em 1662 por Zacharias Hertelium na mesma cidade. A tipografia de Hertel em Hamburgo fez a quarta edição de *De Universa* e publicou no mesmo ano duas edições do *Medicus Politicus*⁷⁰. Existem exemplares da edição de

⁶⁸ Zacuto LUSITANO, *De Medicorum Principum Historia Libri Sex*, Lvgdvni [Leiden], Ioannis Antonii, Hvgvetam filij, Marci Antonii Ravavd, 1649; *idem*, *De Medicorum Principium Historia. Libri sex. Ubi Medicinales omnes Historiae de morbis internis, quae passim apud Principes Médicos occurrunt* [...] (Lugduni, Joannis Antonii Huguetan, filij & Marci Antoni Ravavd, 1657).

⁶⁹ Sobre este assunto ver Yvonne DAVID-PEYRE, *Le Personnage du Médecin et la Relation Médecin-Malade dans la Littérature Ibérique XVI^e et XVII^e Siècle* (Paris 1971), pp. 122-136.

⁷⁰ FRIEDENWALD, *Jewish Luminaries*, p. 55.

1614 na Staats- und Universitatbibliothek Hamburg⁷¹ e das de 1614 e 1662 na Biblioteca Nacional de Portugal⁷².

Os exemplares da Biblioteca Nacional de Portugal de 1614 e de 1662 são iguais, apenas diferem no tamanho das letras e espaços da dedicatória. Esta na edição mais antiga ocupa seis páginas e na mais recente apenas quatro. O texto parece não ter sido alterado e todos os livros e capítulos ocupam o mesmo número de páginas tanto numa edição como na outra.

A obra foi dedicada a Vincentio Mollero e Hieronimus Vogelero, dois burgomestres de Hamburgo e está dividida em quatro livros. A escolha do latim para a sua redacção deveu-se provavelmente porque esta era a língua da ciência e da cultura⁷³ da Época Moderna destinando-se desse modo a um público mais vasto, embora inserido no restrito grupo dos cultos e eruditos. Analisemos o conteúdo da obra e as temáticas abordadas pelo autor⁷⁴.

O *Medicus Politicus* é uma obra considerada um marco importante na medicina já que estabelece um código deontológico do médico⁷⁵ sendo simultaneamente um testamento médico⁷⁶, na medida em que pretende deixar para a posteridade os conhecimentos e práticas acumulados durante uma vida dedicada à medicina. Pode ser dividido em duas grandes partes: a primeira, de feição mais teórica e livresca, inclui o livro 1 e 2; e a segunda, constituída pelo livro 3 e 4, de carácter mais pragmático, baseando-se na própria actividade médica do autor, que disserta sobre o prognóstico e tratamento das doenças passando pelos métodos utilizados para se obter um bom diagnóstico e cura. O que unifica toda a obra é a manifestação em várias partes do texto de que a medicina e o médico têm uma ligação a Deus e ao sagrado, pelo que se exige ao médico elevados padrões morais e éticos, reforçando-se deste modo o aspecto da deontologia médica. Por outro lado, está implícita a ideia vitalista do mundo em que existem correspondências reais entre o micro e o macrocosmos.

Em termos globais, o livro 1 é uma introdução ao resto da obra e define as principais concepções do autor enquanto o livro 2 se dedica à formação do médico e às capacidades a desenvolver nele. Pelo espaço dedicado a cada um dos

⁷¹ Cuja cota é Scrin A/1854.

⁷² Os dois exemplares encontram-se microfilmados e possuem as seguintes cotas: edição de 1614 Res 4624 P (microfilme FR 1129); edição de 1662 Res 4620//2 P (microfilme FR 553).

⁷³ DAVID-PEYRE, *Le Personnage du Médecin*, p.129.

⁷⁴ A análise do conteúdo da obra beneficiou do auxílio da tradução de Arlindo Correia em <http://www.arlindo-correia.com/101206.html>.

⁷⁵ Lopes DIAS, *Médecins Portugais*, p. 23.

⁷⁶ DIAS, «Rodrigo de Castro», p. 99.

livros pode concluir-se que, para o autor, os livros 3 e 4 são os mais importantes, realçando-se assim a faceta prática da actividade médica, embora com uma bem alicerçada formação teórico-livresca.

O livro 1 tem doze capítulos e desenrola-se da página 1 à 53. Nele define-se o que é a medicina e o seu lugar entre as outras ciências e profissões, considerando-a o autor uma ciência nobre. Analisam-se as linhas empírica, metódica e química da medicina, embora se rejeite esta última sob o pretexto de tratar-se numa forma que recusa a razão e a experiência acumuladas. A longa prática permitiu a Rodrigo dar excelentes conselhos aos seus colegas sobre como combater as doenças⁷⁷: argumentar a favor dos médicos e da medicina; afirmar a origem divina desta disciplina; e comparar a medicina a outras disciplinas como a arte militar, a agricultura⁷⁸ e a jurisprudência.

O livro 2, com quinze capítulos estende-se da página 53 à 109. Aqui tratam-se dos saberes necessários ao médico, da sua biblioteca e da sua situação material. Valoriza-se o conhecimento das ciências humanas já que as ciências divinas, entre elas a filosofia, tinham perdido alguma importância. A disciplina mais importante para o autor é a anatomia embora o médico devesse conhecer também a cirurgia e a botânica; outras disciplinas de importância são a fisiologia, a higiene, a patologia e a terapêutica. Para além disso, considera ainda que a astrologia é bastante útil à medicina pois permite o conhecimento dos astros, dos fenómenos físicos e das condições atmosféricas que influenciam as pessoas. Deste modo, as regras que afectam os astros e as estrelas são semelhantes às que condicionam as pessoas e a sua saúde.

Castro considerava essencial o estudo e prática da cirurgia, constatando que as práticas cirúrgicas eram partilhadas pelos barbeiros da Alemanha e Portugal assim como pelos médicos cirurgiões na Espanha, Itália e França. Portanto recomendava vivamente o ramo cirúrgico aos médicos incentivando os mais hábeis nas operações a dedicarem-se à clínica cirúrgica e os menos aptos a serem exclusivamente médicos, tal como ele próprio o fez⁷⁹.

Rodrigo dedica-se também a discorrer sobre o uso de perfumes e o progresso da arte médica (comparando-a com a agricultura) e a arrolar várias dezenas de autores cujas obras devem constar na biblioteca dum médico. Considera ainda que este não deve ser rico para evitar a possibilidade de maiores distrações,

⁷⁷ DIAS, «Médecins Portugais de la Renaissance», p. 23.

⁷⁸ Segundo Yvonne Peyre a doença é comparada por Rodrigo de Castro a um agressor e o paciente a um solo agrícola que deve ser cuidado cf. DAVID-PEYRE, *Le Personnage du Médecin*, p. 130.

⁷⁹ DIAS, «Rodrigo de Castro», p. 41.

nem pobre pois as preocupações financeiras também conduzem ao desvio da atenção. Um médico para atingir a notoriedade deve saber usar a experiência e a razão, viver de acordo com a natureza e usar de muita prudência.

O livro 3, com 24 capítulos, alonga-se da página 110 à 205. Nele trata-se principalmente dos defeitos e das qualidades do médico, debruçando-se sobre o seu comportamento como pessoa e do seu relacionamento com os outros, principalmente para com os enfermos. A prescrição para se ser um bom médico é evitar os vícios nomeadamente o abuso de vinho, assim como a avareza, a soberba e a inveja. As qualidades ou virtudes morais a cultivar é ser temente a Deus e ter uma vida sóbria, bem como desenvolver a prudência, a circunspecção, a perspicácia, a sobriedade, a calma, a modéstia, a discrição, a franqueza, a honestidade e a guarda rigorosa do segredo profissional.

O médico, na sua relação com o doente, nunca lhe deve revelar que o seu estado é muito grave. Deve ser sempre afável e só depois duma observação rigorosa⁸⁰ pode determinar uma terapêutica cautelosa. Rodrigo também faz alusão às doenças mentais e aos vários medicamentos usados para o tratamento dessas enfermidades, não desprezando portanto o conhecimento da farmacopeia na prescrição médica.

A ética do médico deverá manifestar-se ao longo da sua vida, manifestando-se esta –a título de exemplo– com a não exigência de pagamentos antecipados, ou a pretensão à remuneração durante os serviços de cura. Além disso, o autor debruça-se sobre as ocasiões em que o médico deve ser –e é– livre de recusar a consulta a um doente, exceptua-se a possibilidade de recusa quando haja de perigo de vida iminente ou o pronto-socorro. O acolhimento humano e simpático por parte do médico é uma exigência bíblica e deve ser cumprida como uma obrigação de ofício e divina, adivinhando-se nisto a ética judaica impositora de exigências pessoais bastante elevadas⁸¹. Castro termina o terceiro livro elogiando os estudos médicos de Salamanca onde se doutorara.

O livro 4 com dezasseis capítulos que se estendem da página 205 à 277 trata do que pode influenciar o aparecimento e o desenvolvimento de doenças como a fascinação, os filtros e a sugestão. Ocupa-se dos certificados médicos e de

⁸⁰ Neste livro Rodrigo descreve uma visita médica: primeiro o médico observa atentamente o doente, depois interroga-o e aos familiares que o rodeiam e por fim faz um minucioso exame verificando a respiração, função intestinal e pulsação. Também é de especial recomendação, e crucial para o diagnóstico, a análise de urina, num quarto bem iluminado, mas não à luz directa. Seguem-se o diagnóstico e a prescrição médica, nessa altura é necessário saber se o doente suporta sangrias, as sanguessugas, o clister ou os supositórios. Se ao fim de 20 dias não há melhoras o doente é aconselhado a saber a opinião dum outro colega.

⁸¹ FRIEDENWALD, *The Jews and the Medicine*, vol. I, pp. 18-19.

como despistar os simuladores e hipocondríacos. Explana em alguns capítulos uma visão tríplice do mundo, que divide em microcosmos, mesocosmos e macrocosmos, algo que aprofundaremos mais à frente e que tem a ver com a ideia vitalista do Mundo. O exame físico dos escravos ocupa um capítulo onde se dão conselhos práticos a quem os pretendesse comprar. Assim, para Rodrigo, se não pretende com este capítulo simplesmente alargar o público-alvo do seu livro, a escravatura é considerada aceitável, embora desprestigiante, tal como é aceite pela Sagrada Escritura e pela sociedade da Época Moderna.

Por fim, Castro termina a obra com três capítulos dedicados à musicoterapia, dois deles sobre o efeito da música no homem saudável e o último sobre um enfermo. O autor revela nesta parte específica uma preocupação inusual com as capacidades terapêuticas da música, baseando-se em várias referências bíblicas dos livros Êxodo, Juízes, Reis e Salmos. Contudo, não se socorre de usos mais recentes, alguns que até poderia recolher na história de Portugal, como o de D. Pedro I. A música é entendida como uma das formas de atingir a divindade pela sonoridade e harmonia de determinados instrumentos e da voz humana, aliás personagens bíblicas tocavam instrumentos e o próprio rei Saul curou-se ao som duma harpa. Por outro lado, reconhece-se a capacidade da música em alterar as disposições individuais e no favorecimento do equilíbrio. A música é um paliativo contra a dor e ajuda no tratamento das doenças mentais⁸².

Nesta pequena análise do *Medicus Politicus* vamos privilegiar três aspectos, a saber: a formação do médico e a escolha dos livros que devem constituir a sua biblioteca de acordo com o livro 2; a concepção do universo que se apresenta dividido em micro, meso e macrocosmos do livro 4; e finalmente a busca de identidade de Castro, designadamente a sua demanda religiosa e ética que se manifesta ao longo de toda a obra.

De acordo com Castro, a biblioteca dum médico⁸³ deve privilegiar as obras médicas clássicas latinas e gregas como as de Galeno e Hipócrates, mas também deve incluir as de Dioscórides, Platão, Aristóteles ou Cornelius Celsus, entre outros, não excluindo também os escritores semitas ou do médio oriente como o astrónomo e médico Avicena, o filósofo, médico e astrónomo Averróis, o médico al-

⁸² Sobre esta temática ver Yvonne DAVID-PEYRE, «Le *Medicus Politicus* de Rodrigo de Castro et la Musicoterapie», *Bulletin des Etudes Portugaises et Bresiliennes* 33-34 (1972-1973), pp. 11-45.

⁸³ Rodrigo de CASTRO, *Medicus Politicus*, Livro 2, cap. IX, págs. 84-92. Sobre esta temática ver DAVID-PEYRE, *Le Personnage du Médecin*, pp. 59-94 e Apêndice 1, pp. 473-481 e Alberto Moreira da Rocha BRITO, «A Biblioteca dum Médico Quinhentista Português», *Jornal do Médico* 57 (Porto 1945), 12 pp.

quimista Rhazae ou Rasis, ou o poeta Abenzoaris ou Ibn Zaydun. Aconselha com reserva os estudos de Paracelso pois rejeita a dissecação de cadáveres. Também alinhadas nas estantes para estudo e consulta deviam estar as obras dos médicos cristãos-novos Amato Lusitano ou João Rodrigues de Castelo Branco, Ambrósio Nunes Lusitano, Tomás Rodrigues Veiga ou Cristobal Vega Hispanus. A formação dum bom médico devia basear-se num conhecimento dos autores clássicos e medievais e, simultaneamente, devia privilegiar as obras de autores considerados importantes na contemporaneidade cuja experiência e conhecimentos marcavam uma nova era no que ao estudo da medicina diz respeito.

Talvez reflectindo a organização da sua biblioteca pessoal ou tomando-a como um ideal, Rodrigo aponta uma divisão temática e os autores considerados essenciais⁸⁴, designadamente sete autores em anatomia (como Andreas Vesalius ou Ruphus Ephesius⁸⁵); dez em botânica ou ervanária (entre eles Andrés de Laguna e Carolus Clusius⁸⁶); sete em cirurgia (nomeadamente Andreas Valcacer e Guido de Cauliaci); dez em medicina (como por exemplo Avicena e Areteu da Capadócia)⁸⁷; cinco em história natural (Aristóteles e Plínio entre outros); dezanove outros autores (a título de exemplo Galeno e Luís de Lemos); quatro em controvérsias médicas (Petrus Aponensis e Franciscus Valesius); seis em epístolas (destacando-se Bartolomaeis Montagna e Hugo Senensis); doze em prática da medicina (nomeadamente Avicena e Gulielmus Rondeletius); onze em doenças específicas e especialidades (como Jules Parmier e Botal); três em farmacopeia e boticária (a saber Mesues, Valerius Cordus e Jacob Wecker); três em dieta (Isaac com notas de Pedro Hispano e Brutus Lusitanus e Dionisius filius) e, por fim, os trinta autores que se devem ter à mão e que alimentam o espírito.

Nesta secção da biblioteca dá-se especial ênfase às obras de história, mas há lugar para a geografia, poesia e agricultura. Os autores seleccionados são os tradicionais clássicos latinos e gregos de referência como Homero, Virgílio, Heródoto, Columela e Tito Lívio, entre outros. Mas a sua recomendação não se limita a estes e junta ao rol outros autores que se ocuparam das mais diversas regiões, alguns até

⁸⁴ CASTRO, *Medicus Politicus*, Livro 2, págs. 84-88. Ver em anexo.

⁸⁵ Segundo Yvonne David-Peyre este autor foi erroneamente classificado cf. DAVID-PEYRE, *Le Personnage du Médecin*, p. 75. Vesalius também conhecido por Andreas van Wesel (1514-1564) foi autor de *De Humani Corporis*; Rufus de Éfeso (séc. I) escreveu também obras sobre o corpo humano.

⁸⁶ Andrés de Laguna (1499-1559) traduziu e comentou Dióscorides; Charles de l'Écluse (1526-1609) professor da Universidade de Leiden onde criou o *Hortus Academicus*, escreveu várias obras sobre plantas e traduziu os *Colóquios* de Garcia de Orta.

⁸⁷ Areteus da Capadócia (sec. I) escreveu entre outras a obra *De Causis et signis acutorum morborum*.

seus contemporâneos. Assim, aos escritores de história do Médio Oriente como Flávio Josefo e Petro Bizarus⁸⁸ junta autores que escreveram sobre a Germânia (Sleidanus ou Sleidan⁸⁹), a Dinamarca (Saxus Gramaticus ou Saxo⁹⁰), a Gália ou França (Thuanus ou Thou⁹¹), a Itália e o mundo (Tracagnota ou Giovanni Tarcagnota⁹²), a Bélgica (Emanuel Meteranus ou Emmanuel van Meteren⁹³), a Hispânia (Juan de Mariana⁹⁴) e a Turquia assim como outros países europeus (Paulus Jovius⁹⁵); sobre a Índia indica-se João de Barros⁹⁶, Petrus Masseus e Damião de Góis⁹⁷; não se esquecendo de Joanes Boteri ou Giovanni Botero⁹⁸ com a obra *Relationes Universalis* (1595-1597) e a obra colectiva *Novi Orbis Historia* (1581).

Partindo da divisão temática e de autores propostos, mas tendo também em conta a escrita de Castro, pode concluir-se que a cultura do médico devia ser vasta e incidir sobre diversas temáticas de cariz político uma vez que a história e a geografia constituem o cerne dessa preparação, um pouco como a dum príncipe

⁸⁸ Flávio Josefo (37?-ca. 100 d.C.) escreveu várias obras entre elas a *História da Guerra dos Judeus* e *Antiguidades Judaicas*; Petrus Bizarus escreveu, por exemplo, *Rerum Persicarum Historia* (1601) e *Cyprium bellum, inter Venetos, et Selymum Turcarum* (1573).

⁸⁹ Johannes Sleidanus (1506-1556) escreveu sobre a *Schalkaldischer Bund* ('Liga dos príncipes luteranos') e é autor de alguns comentários religiosos e políticos durante o reinado de Carlos V.

⁹⁰ Saxo Grammaticus (1150-1220) historiador da Dinamarca escreveu *Gesta Danorum*.

⁹¹ Thuanus, or Jacques Auguste de Thou (1553-1617) historiador francês escreveu *Historia sui Temporis* (1604) e *Germaniae Descriptio*, foi também presidente do parlamento.

⁹² Giovanni Tarcagnota da Gaeta (?-1566) escreveu *L'Adone* e *Delle Historie del Mondo* (1608?).

⁹³ Emanuel Meteranus escreveu *Historia Belgica Nostri Potissimum Temporis* (1598) e *Historia oder Eigentliche und warhafft Beschreibung [...] Niederdeutschland, Franckreich, Engelandt, Teutschland, Hispanien, Italien* (1597).

⁹⁴ Juan de Mariana, S. J., escreveu vários livros sobre a história da Espanha e de Filipe III nomeadamente *De Rege et Regis Institutione Libri III. Ad Philippum III. Hispaniae Regem Catholicum*; *Historiae de Rebus Hispaniae*; e *De Ponderibus et Mensuris*.

⁹⁵ Paulus Jovius (1483-1552), médico e historiador que escreveu praticamente sobre toda a Europa como *Descriptio Britanniae, Scotiae, Hyberniae et Orchadum*, incluindo a Turquia *Turcarum rerum Commentarius* (1537) e livros sobre príncipes como o de Ferrara.

⁹⁶ João de Barros (1496-1570) tesoureiro da Casa da Índia e Mina escreveu *Décadas da Ásia* que foram continuadas por Diogo do Couto (1542-1616).

⁹⁷ Damião de Góis (1502-1574) filósofo e humanista que esteve na Feitoria de Antuérpia e foi guarda-mor da Torre do Tombo uma das suas obras mais conhecidas é a *Crónica do Felicíssimo rei D. Manuel*.

⁹⁸ Giovanni Botero (1544-1617) poeta e filósofo conhecido pela sua obra *Della ragione di Stato* onde expõe argumentos contra a obra de Maquiavel, contudo Rodrigo de Castro aponta como essencial a sua obra sobre as relações internacionais.

renascentista. Ora esta ideia de preparação teórico-política do médico advém da própria concepção que o autor tem da ordenação e hierarquização do mundo.

A concepção de universo de Castro baseia-se no tabernáculo, na expressão do autor⁹⁹. O Átrio é acessível a homens e animais e representa o nível mais baixo de conhecimento e de exigência moral; segue-se a aula situada depois do vestíbulo e que dá acesso ao local sagrado onde se encontra o candelabro de sete lucernas que significam as sete estrelas errantes; e, por último, o secreto ou *sanctum sanctorum*, o mundo dos anjos de acesso muito restrito aos homens. Do mesmo modo, o universo divide-se em três níveis desde o microcosmos, passando pelo mesocosmos até ao macrocosmos à semelhança das *Sefirot*, emanações do *Ayn Sof* ou essência divina.

De acordo com David Ruderman, Rodrigo leu *De Coelesti Agricultura Libri Suat* (1541) de Paulus Ricius, bem como parte de *Sha'arai* de Joseph Gikatilla traduzida para latim em 1516 por Ricius¹⁰⁰ onde se focam algumas destas concepções de pendor cabalista, embora aqueles não fossem listados como autores essenciais na biblioteca aconselhada por Castro. O livro de Ricius dedicado a Carlos V é um tratado religioso e filosófico, por outro lado o livro de Gikatilla aponta já para o misticismo, afastando-se desse modo da filosofia, uma vez que se dedica ao estudo dos nomes de Deus, síntese do divino, cuja luz emana para todas as coisas. Deste modo, as concepções cabalísticas e místicas eram do conhecimento de Castro, quanto mais não seja porque Paracelso faz parte dos autores aconselhados por aquele, embora com reserva.

Castro revela a sua formação na filosofia helénica tardia que se difundiu e ganhou grande expressão no século XVI fortemente imbuída da influência do oculto ou místico, estando também de acordo com a crença na unidade da natureza, ideia implícita no neoplatonismo e no misticismo cristão. A unidade da natureza remete para uma ligação entre o homem; o mundo terrestre; e Deus e os anjos, existindo, conseqüentemente, uma ligação entre o micro e o macrocosmos. O homem foi criado à imagem do universo e com correspondências reais com o macrocosmos. No mundo antigo, considerava-se a crença na influência das estrelas na humanidade e durante o Renascimento continuou-se a aceitar a existência de correspondências entre o mundo celeste e o sublunar e que as influências astrais afectavam a terra e o homem. Os textos herméticos reforçaram esta visão, pois o homem passou a ser encarado como um elo favorecido na grande cadeia do ser, tomando parte da graça divina. Neste sentido, o homem

⁹⁹ CASTRO, *Medicus Politicus*, Livro 4, cap. V, págs. 235-238.

¹⁰⁰ RUDERMAN, *Jewish Thought and Scientific Discovery*, págs. 297-298.

podia afectar o mundo supralunar tal como este o podia afectar a ele. Assim, o verdadeiro clínico era bem sucedido na procura das substâncias (minerais e vegetais) que se harmonizavam com os corpos celestiais e com o Criador sendo a natureza entendida como força vital ou mágica e consequentemente o médico como um verdadeiro mágico¹⁰¹.

O microcosmos ou corpo humano é a área por excelência de actuação do médico –conquanto aquele também seja regido por influências dos outros dois níveis– tal como o príncipe é poderoso sobre o mesocosmos e Deus no macrocosmos. Contudo, enquanto os dois primeiros níveis pertencem ao espaço terrestre e material, o último tem uma essência etérea e por conseguinte pertence a uma esfera divina que tudo domina. Castro deixou-se fascinar pelos poderes mágicos das palavras proferidas e pela perícia em conseguir forjar simpatias com corpos celestiais, acreditando assim na origem demoníaca das doenças e na cura mágica pelo médico cabalista que, ao ser eficaz, era santificado¹⁰². Consequentemente, o médico poderia intervir nos três níveis utilizando a cabala, as *Sefirot* e a astrologia, sendo exemplo disso um dos capítulos¹⁰³ do *Medicus Politicus* que é dedicado à fascinação –ou mau-olhado– classificada como vulgar, física e mágica ou demoníaca. Neste capítulo referem-se ainda as propriedades divinas e cabalísticas das *Sefirot* e o misticismo unitivo expresso nos *Diálogos de Amor* de Leão Hebreu.

A busca de identidade cultural e religiosa de Castro patente na sua obra *Medicus Politicus* foi especialmente estudada por Ruderman¹⁰⁴. De acordo com este autor, as citações bíblicas sucedem-se quer se trate de valorizar a importância da música na cura de doenças, baseando-se nos salmos, quer seja para dar exemplos de relação entre medicina, religião e virtudes morais. Alicerçam-se, portanto, as virtudes e comportamentos do físico e do homem na mais antiga autoridade: a Bíblia.

Segundo o mesmo autor, o *Medicus Politicus* é um trabalho de apologia judaica, apesar da escassez de citações rabínicas, baseando-se mais no conhecimento da Bíblia, com algumas referências cabalísticas. Por outro lado, a busca de uma identidade religiosa passa pela crítica às sociedades cristã e judaica, um reflexo da sua agudeza médica e da sua origem conversa. Neste sentido, os vários autores cristãos-novos e judeus são colocados lado a lado

¹⁰¹ ALLEN G. DEBUS, *O Homem e a Natureza no Renascimento* (Porto 2002), pp. 12-13.

¹⁰² RUDERMAN, *Jewish Thought and Scientific Discovery*, pp. 297-298.

¹⁰³ CASTRO, *Medicus Politicus*, Livro 4, cap. I, pp. 214 e ss.

¹⁰⁴ RUDERMAN, *Jewish Thought and Scientific Discovery*, pp. 293-294, 294-295, 297-299, 306-307.

com as autoridades clássicas, transformando assim a vergonha e o estigma da origem religiosa em orgulho e honra. A medicina torna-se assim numa tarefa judaica ligada à memória dos mártires e à divina ordenação da sobrevivência com responsabilidades sociais no presente e no futuro. Trata-se dum voltar às origens e às raízes mais profundas com o objectivo de construir uma identidade e um sentimento de pertença.

Na perspectiva de Ruderman, a demanda de Castro revela-se no comentário a Ben Sira 38 onde se exorta o médico a ter um papel moral e religioso na sociedade. Deste modo, Castro insere-se no grupo de físicos que acreditava ser a medicina um meio para normalizar e controlar disciplinarmente a conduta do corpo e do espírito e reconhecia aos médicos a capacidade em falar sobre política, moralidade e economia. Portanto, o médico podia de facto intervir nos vários planos quer se trate no micro, no macro ou no mesocosmos tal como a vida e prática de Castro o pode comprovar.

3. MANUEL BOCARRO ROSALES E A REEDIÇÃO DO *STATUS ASTROLOGICUS* DE 1644

3.1. *Um movimentado percurso de vida*

Seguindo a linha postulada por Castro, Rosales foi então um dos físicos que interferiu na esfera política, tendo deixado um extenso e erudito repertório escrito que, publicado em insígnias cidades europeias como Lisboa, Roma, Amesterdão, Hamburgo e Florença, se apresenta sob a forma de cuidada prosa científica e de inspiradas composições poéticas em latim e português, focando e amalgamando matérias astronómicas, matemáticas, filosóficas, médicas, astrológicas, alquímicas, cabalísticas e messiânicas.

Médico muito requisitado, Rosales, na verdade, contemplou em sua vida e obra os três níveis do cosmos expressos no *Medicus Politicus* de Castro: actuou no microcosmos, o corpo humano, restituindo a saúde a notáveis figuras da nobreza, da Igreja e da realeza; analisou o macrocosmos, governo de Deus, defendendo o sistema geocêntrico mas em que os planetas e as estrelas se compunham de matéria elementar e corruptível; e interferiu no mesocosmos, domínio dos príncipes, prestando serviços diplomáticos e especulando, com base no curso dos astros, ministros divinos, acerca dos destinos políticos da sua época e da vinda da derradeira monarquia, votada a acolher e reger todo o Orbe.

Nascido em Lisboa, por volta de 1588, no seio de uma família de cristãos-novos, Rosales estudou no colégio jesuíta de Santo Antão daquela cidade, onde

ainda se encontrava em 1610, tempo em que, como muita gente da *Nação Hebraea*, levava uma dupla e perigosa vida religiosa no Portugal inquisitorial, pois, sob a fachada de pio cristão, judaizava secretamente, convencendo o seu irmão António Bocarro a seguir a Lei de Moisés, tratando-se a si próprio por judeu, injuriando o culto católico das sagradas imagens, realizando vários jejuns mosaicos e esperando a vinda do Ungido prometido aos hebreus¹⁰⁵. Tempos depois, dirigiu-se para Castela no intuito de cursar Medicina, fazendo-o, de início, em Alcalá de Henares, onde obteve o grau de bacharel e foi lente de cadeiras de substituição da faculdade de medicina e artes¹⁰⁶, e, mais tarde, em Sigüenza, terra em que alcançou o grau de licenciado mediante exame e com grande aplauso¹⁰⁷. Possuindo este grau pelo menos desde 1617¹⁰⁸, segundo Diogo Barbosa Machado, numa afirmação não documentada, terá obtido ainda o grau de doutor na universidade de Montpellier, «que também teve em a Universidade de Alcala conferido pelo Chatedratico de Prima Pedro Garcia Carrero, e ultimamente em a de Coimbra»¹⁰⁹.

Tendo exercido Medicina em Castela, Rosales encontrou-se de novo em Portugal em 1618, andando a redigir no final desse ano o *Tratado dos Cometas que Apareceram em Novembro Passado de 1618*, onde, baseado em cálculos matemáticos de astrónomos modernos, refutou vários postulados da então vigente cosmologia aristotélico-ptolomaica¹¹⁰. Mais tarde, precisamente em 1620, recebeu autorização régia para praticar a clínica na sua pátria, tendo cuidado dos relevantes nobres D. Luís de Lencastre, comendador-mor de Santiago; D. Frei Aleixo de Meneses, arcebispo de Goa e posteriormente de Braga, governador

¹⁰⁵ Vejam-se algumas das suas práticas judaizantes em Sandra NEVES SILVA, «Criptojudaísmo e Profetismo no Portugal de Seiscentos: o Caso de Manoel Bocarro Francês *alias* Jacob Rosales (1588/93?-1662/68?)», *Estudos Orientais* 8 [= *A Ideia de Felicidade no Oriente*] (2003), pp. 169-183: 173-174.

¹⁰⁶ SOUSA VITERBO, «Manuel Bocarro Francês. Médicos Poetas», *Archivos de Historia da Medicina Portuguesa* [NS] 2 (Porto 1911), pp. 5-29: 6.

¹⁰⁷ VITERBO, «Médicos Poetas», p. 21.

¹⁰⁸ Cf. Pedro de HERRERA, *Descripcion de la Capilla de N^a Sr^a del Sagrario que Erigio en la St^a Iglesia de Toledo el Ill.mo S.or Cardenal D. Bernardo de Sandoual y Rojas, Arcobpo de Toledo, Primado de las Españas, Chanciller Mayor de Castilla, Inquisidor General, y del Cons.^o de Esta.^o del Rey. D. Fil. 3. N. S. y Rel.on de la Antigüdade de la St^a Imagen: con las Fiestas de su Traslacion*, liv. IV (Madrid 1617), fls. 117 v. e 136 v.-138.

¹⁰⁹ BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 197.

¹¹⁰ Este tratado já foi amplamente abordado em Luís M. CAROLINO, «Disputando Pedro Nunes: Mendo Pacheco de Brito *versus* Manuel Bocarro Francês numa Controvérsia Matemática de Inícios do Século XVII», *Anais da Universidade de Évora* 12 (2002), pp. 87-108; e Carlos ZILLER CAMENIETZKI, Luís M. CAROLINO e Bruno MARTINS BOTO LEITE, «A Disputa do Cometa: Matemática e Filosofia na Controvérsia entre Manuel Bocarro Francês e Mendo Pacheco de Brito acerca do Cometa de 1618», *Revista Brasileira de História da Matemática* IV, 7 (2004), pp. 3-18.

do Estado da Índia e vice-rei de Portugal; D. Jayme de Cardenas, Duque de Belmonte; e D. Baltazar de Zúñiga, tio do Conde de Olivares e presidente do Conselho de Estado de D. Filipe IV¹¹¹.

Privando pois com gente de elevada estirpe lusitana e castelhana, Rosales deu à estampa em Lisboa, no ano de 1624, o seu conhecido e polémico *Stado Astrologico*, primeira parte de uma tetralogia denominada *Anacephaleoses da Monarchia Luzitana* que, de pujante cunho nacionalista e heróico, busca enaltecer e explanar a essência do trono português ao longo de quatro fracções ou *Anacephaleoses*. Constituído de 131 oitavas e vindo acompanhado de uma «Anotaçam Chrysopea» e de uma «Anotaçam Astrologica», o *Stado Astrologico* expõe então as causas siderais que indiciariam a Lusitânia a firmar-se a última monarquia do mundo, tocando ao longo de vinte estrofes no modo como se preparava a Pedra Filosofal dos alquimistas¹¹². Com efeito, através duma conversa entre o autor e uma ninfa representando a honra, anuncia a edificação em Portugal do derradeiro governo sobre a terra, desígnio que parece desenhado nas «luzes celestes»¹¹³, designadamente na mudança do Auge e da «eentricidade» do Sol¹¹⁴ e nos efeitos da conjunção máxima de Júpiter e Saturno em 1603 sentidos na conjunção menor seguinte efectuada pelos mesmos planetas vinte anos depois¹¹⁵. Tal governo, que eternizará a Lei dos Evangelhos, possuirá à sua frente o príncipe «Encoberto», que parece ser D. Filipe III de Portugal, IV de Espanha, enquanto monarca que enverga a coroa do promissor reino lusitano e a quem o *Stado Astrologico* é, de resto, dedicado:

O que canto he tudo de V. Mag. & assi lho offereço neste seu conselho de Portugal, adonde parece, que sò se deue: assi por ser a materia, & sujeyto Portuguez, como porque nos Insignes Varões que rezidem neste Conselho se Ilustra, & Eterniza V. Mag. pois em cada qual se representa a Excelencia, & grandeza Luzitana¹¹⁶.

¹¹¹ BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 197.

¹¹² Sobre as oitavas alquímicas de Rosales veja-se Sandra NEVES SILVA, «A “Obra ao Rubro” na Cultura Portuguesa de Seiscentos: Manuel Bocarro Francês e seus Versos Alquímicos de 1624», *Cadernos de Estudos Sefarditas* 8 (2008), pp. 217-243.

¹¹³ Manuel BOCARRO FRANCÊS, *Anacephaleoses da Monarchia Luzitana* (Lisboa 1624), fl. 10v., oit. 32.

¹¹⁴ BOCARRO FRANCÊS, *Anacephaleoses*, fl. 45.

¹¹⁵ BOCARRO FRANCÊS, *Anacephaleoses*, fl. 48v. Já tratámos parte desta questão em NEVES SILVA, «Criptojudáismo e Profetismo», p. 176.

¹¹⁶ BOCARRO FRANCÊS, *Anacephaleoses*, fl. 2.

O governo português de feição mundial triunfará então quando conseguir vencer e derramar a fé católica sobre os cristãos que seguem a Reforma e sobre o poder do «Gentio, Mouro, o do Octomano»¹¹⁷: desta forma, na qualidade de soberano de Portugal, o derradeiro reino segundo as estrelas, D. Filipe III, o «Encoberto», afigurar-se-ia, por vontade divina, o futuro rei do mundo.

Defendendo pois a ideia da formação dum governo universal em terras lusitanas sob o domínio de um monarca de origem castelhana, Rosales parecia de algum modo conformado com a presença espanhola em Portugal. Contudo, essa não constituía a sua crença de fundo, pois terá dotado o seu *Stado Astrologico* de um outro sentido, um sentido mais verdadeiro e oculto que, através de subtilezas metafóricas expostas nalguns versos, apelava secretamente a que a Lusitânia se libertasse do domínio de Castela. Desafortunadamente, este rogo autonomizante viria a ser descoberto pelas autoridades vigentes, que proibiram o *Stado Astrologico* de correr e apanharam na casa do impressor o manuscrito do *Stado Heroico*, a comprometedora quarta parte do *Anacephaleoses da Monarchia Lusitana* onde se pedia directamente a D. Teodósio II, duque de Bragança e primeiro nobre de Portugal, que se rebelasse e tomasse o ceptro lusitano, apoiado pelos principais fidalgos portugueses¹¹⁸. Face a esta sua ousadia independentista, Rosales acabaria por ser apanhado, tendo ficado preso no Tronco ao longo de mais de dois meses, corria ainda o ano de 1624¹¹⁹.

Gerando inimizades com certos castelhanos influentes e talvez sabendo que contra si chegara ao palácio da Inquisição uma denúncia como judaizante feita em Goa pelo seu próprio irmão António Bocarro, Rosales resolveu deixar Portugal em 1626, tendo-se dirigido para Roma, cidade em que, a par da sua obra *Foetus Astrologicus*, foi publicado o seu opúsculo *Luz Pequena Lunar e Estelífera da Monarchia Luzania*, pela mão do eminente matemático Galileo Galilei (1564-1642), que lhe acrescentou um prefácio, onde enaltece Rosales como um varão admirável e sumamente douto, mais, o primeiro entre os astrólogos¹²⁰. Composta de uma epístola-prólogo, de um conjunto de quatro fragmentos explicando a monarquia prognosticada no *Stado Astrologico* e de um aglomerado de vinte e cinco estrofes pertencentes ao *Stado Heroico*, a *Luz Pequena* surge a confirmar que Rosales, de facto, dotou o seu *Stado Astrologi-*

¹¹⁷ BOCARRO FRANCÊS, *Anacephaleoses*, fl. 26, oit. 127.

¹¹⁸ Manuel BOCARRO FRANCÊS, *Luz Pequena Lunar e Estelífera da Monarquia Lusitana*, Prefácio de Galileu, introd., notas e fixação do texto por Luís M. CAROLINO (Rio de Janeiro 2006), p. 106.

¹¹⁹ BOCARRO FRANCÊS, *Luz Pequena*.

¹²⁰ BOCARRO FRANCÊS, *Luz Pequena*, p. 92.

co de um sentido cifrado e metafórico, fortemente incitador da libertação lusa do jugo castelhano.

Na verdade, na *Luz Pequena*, indica-se que, mais do que o futuro da coroa portuguesa, o *Stado Astrologico* aborda o destino de duas monarquias, que são entre si semelhantes e possuem sucessos quase paralelos: a uma delas, denominada como «própria» cabe a grande e perpétua luz do Sol, mas não vem identificada, prometendo o autor contemplá-la mais tarde¹²¹; à outra, designada como «imprópria», corresponde a pequena luz da Lua e das estrelas, sendo ela, efectivamente, o ceptro lusitano, que será restaurado em seu antigo governo português com a futura entronização de um membro da Casa de Bragança. Com efeito, alegando que o seu apelido Rosales se compunha dos vocábulos hebraicos *barzel* ('ferro') e *esh* ('fogo') e detinha um sentido profetizante por onde seria entoado o nome do «Encoberto», o autor prognostica então, nas estâncias do *Stado Heroico* saídas na *Luz Pequena*, que, estando Portugal desprovido de seus monarcas, um membro da dita Casa de Bragança o ampararia, sucesso que expõe colocando a ninfa do *Stado Astrologico* a oferecer o escudo do trono lusitano, rejeitado por D. Teodósio II, a alguém próximo deste que, de fisionomia coruscante, o sustentará «em seu braço fatal dependurado»¹²². Estava assim descoberto o príncipe do Portugal restaurado, do Portugal a quem pertencia o *lumen* da lua e das estrelas.

Defensor pois da independência lusitana, Rosales, após abandonar Roma, passou a França, tendo atravessado este reino desde a região pirenaica de Labastide-Clairence até ao distante porto de Callais, na companhia de numerosos familiares também foragidos do Santo Ofício, a quem ia doutrinando nas cerimónias e ritos da Lei de Moisés «todas as veses que acabauão de comer, e em as mais ocasioens em que o trabalho da jornada daua lugar»¹²³. Deixando França, foi-se estabelecer na judiaria portuguesa de Hamburgo, lugar onde se achava pelo menos desde 1631 e em que, largando as «vestes» de católico, se converteu num «judeu-novo», num zeloso seguidor da ortodoxia rabínica, tendo-se circuncisado, tomado o nome judaico de Jacob Rosales e frequentado a sinagoga, recinto em que proferia as preces mosaicas da *Amidá* e *Semá Israel* e desempenhava a tarefa de predicante da Lei de Moisés, o que fazia «assi nas festas da ley como de quinse em quinse dias»¹²⁴.

¹²¹ BOCARRO FRANCÉS, *Luz Pequena*, p. 93.

¹²² BOCARRO FRANCÉS, *Luz Pequena*, p. 117.

¹²³ ANTT, Inquisição de Lisboa, Processo n.º 7276, de Miguel Francês, Sessão de 20 de Abril de 1646, fl. 11v.

¹²⁴ ANTT, Inquisição de Lisboa, Processo n.º 7276, Sessão de 5 de Maio de 1646, fl. 19. Estas

Na comercial cidade de Hamburgo, Rosales prosseguiu a sua actividade médica, tendo sido chamado para cuidar de pessoas ilustres, como um dos filhos de Cristiano IV da Dinamarca, o imperador Fernando III (1637-1657) da Alemanha e as imperatrizes Leonor e Maria¹²⁵. Ao mesmo tempo esforçou-se para que seu irmão mais novo Gaspar Bocarro seguisse a sua carreira clínica, mandando-o cursar medicina inicialmente na universidade de Leiden e depois na reputada universidade de Pádua, oportunidades que aquele viria no entanto a desperdiçar¹²⁶. A par da sua ligação à medicina, Rosales foi continuando a sua aventura escrita, ao publicar vários poemas panegíricos e a composição de teor filosófico *Epos Noetikon sive Carmen Intellectuale* em 1639, ano em que, olvidando as tribulações passadas com os castelhanos e o seu espírito autonomista, começou a realizar labores diplomáticos para D. Filipe IV de Espanha, continuando ao serviço deste mesmo depois da restauração da independência portuguesa em 1640.

Tendo recebido em 1641, das mãos do dito imperador Fernando III, o título honorífico de Conde Palatino, em parte como pagamento de seus préstimos políticos¹²⁷, Rosales foi continuando a publicar seus escritos, imprimindo em 1644, num só volume, a segunda edição do citado *Foetus Astrologici*; o extenso índice do *Regnum Astrorum Reformatum*, obra monumental em dois volumes que, parecendo ter ficado manuscrita e estando perdida, contempla os temas da astronomia e da astrologia; e a reedição do polémico *Stado Astrologico*, numa versão bastante alterada da original e acrescida de uma tradução latina. Nesta, esquecendo as suas posições autonomistas de 1624 e 1626, Rosales torna a indicar D. Filipe IV de Espanha como o soberano da promissora e Universal Monarquia Lusitana.

Após publicar aqueles escritos, Rosales prosseguiu os seus labores políticos, edificando uma relevante carreira diplomática, pois adquirira em 1645 o posto de encarregado de negócios, em 1647 o cargo de comissário, e em 1650 o ofício de residente de Sua Majestade em Hamburgo, Lübeck e Baixa Saxónia¹²⁸.

práticas judaicas de Rosales já tratámos brevemente em Sandra NEVES SILVA, «O Físico Imanuel Bocarro Rosales: Vestígios da sua Presença em Livorno», *Estudos Italianos em Portugal* [NS] 0 (2005), pp. 65-78: 65-66.

¹²⁵ BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, tomo 2, pág. 197.

¹²⁶ ANTT, Inquisição de Lisboa, Processo n.º 3020, Sessão de 19 de Outubro de 1641, fl. 12v e Sessão de 23 de Outubro de 1641, fl. 24v.

¹²⁷ Hermann KELLENBENZ, «Dr. Jakob Rosales», *Zeitschrift für Religions- und Geistesgeschichte* 7 (1956), pp. 345-354: 350.

¹²⁸ KELLENBENZ, «Dr. Jakob Rosales», p. 352.

No ano seguinte, andaria a prejudicar directamente os interesses lusitanos na região, ao conseguir que um cidadão italiano não recrutasse tropas para Portugal e ao tentar obter duas embarcações destinadas a D. João IV (1640-1656)¹²⁹. Todavia, apesar da sua fidelidade a Espanha, Rosales foi começando a perder o apoio castelhano e, quase na penúria, resolveu abandonar a cidade de Hamburgo, tendo-se dirigido para a italiana região da Toscana, onde já se encontrava em 1653. Andando a circular na corte dos Médicis, aí divulgou parte da sua erudita escrita ao dar à estampa o *Fasciculus Trium Verarum Propositionum* (1654), compilação que reúne três obras suas: a *Vera Mundi Compositio*, consagrada à astronomia; o referido *Foetus Astrologici*, já na sua terceira edição; e o citado *Carmen Intellectuale*, escrito de pendor filosófico que, como vimos, fora publicado pela primeira vez em 1639, na cidade de Amesterdão, na tipografia do eminente rabino Menasseh ben Israel (1604-1657).

Reconhecido nas suas qualidades médicas e científicas, Rosales, na região da Toscana, residiu na comunidade de judeus portugueses de Livorno, frequentando a santa «esnoga» da cidade. Curiosamente, em 1658, viria a confessar a dois cónegos lusitanos de passagem pela cidade que era judeu e que o fora sempre enquanto habitara Portugal, mas que igualmente acreditava que a boa nova de Jesus resgatava as almas pecadoras, pois «tinha para sy que os que seguiaõ a Ley de Cristo se saluauaõ tambem»¹³⁰, além de que sempre tivera «grande Conceito da pessoa de Cristo» e que «naõ hauia duuida que o Papa era uerdadeiro Vigario de Cristo e da Igreja»¹³¹. Ainda neste ano de 1658, esquecendo que danificara os interesses lusitanos a favor de Castela e que atribuíra a Universal Monarquia portuguesa a Filipe IV de Espanha, Rosales volta a defender a causa da autonomia portuguesa que em tempos vaticinara, mantendo contactos com gente da governança lusitana, como o influente conde de Odemira e um bispo de Portugal de identidade desconhecida, a quem, numa epístola, glosando a ideia de que o trono lusitano venceria nas guerras travadas com Espanha a seguir à Restauração, menciona que, na defesa de seu reino, o luso é senhor do Castelhana, facto que a experiência mostra e as estrelas «haõ constituido»¹³², e que o desejo de subjugar o ceptro de Portugal a Espanha é algo contranatura e que naturalmente

¹²⁹ KELLENBENZ, «Dr. Jakob Rosales», p. 353.

¹³⁰ ANTT, Inquisição de Lisboa, Caderno 35 do Promotor, fl. 353, *apud* Pedro de AZEVEDO, «A Inquisição e Alguns Seiscentistas», *Archivo Historico Portuguez* III, 11-12 (1905), pp. 460-465: 463.

¹³¹ ANTT, Inquisição de Lisboa, Caderno 35 do Promotor, fl. 356v, *apud* AZEVEDO, «A Inquisição», p. 463. Veja-se ainda NEVES SILVA, «O Físico Imanuel Bocarro Rosales», p. 67.

¹³² Biblioteca da Ajuda, Códice 50-V-36, fl. 148.

se não pode alcançar, pelo que, para seu bem e conservação, Castela deve aceitar que a Lusitânia a assista não como submetida mas sim como igual ¹³³.

Imerso pois nas causas políticas portuguesas, Rosales ingressou em 1660 na associação de caridade mosaica «Hebra de Cazar Orfas» de Livorno ¹³⁴. Por esta altura possuía mais de setenta anos de vida e, não obstante a sua avançada idade, continuou a exercer o seu labor de médico, tendo sido chamado a Florença, algures em 1662 ou 1668, para tratar a duquesa de Strozzi, ocasião em que, por razões desconhecidas, acabaria por sucumbir ¹³⁵. Desaparecera assim em terras italianas um notável vulto lusitano, autor de doudas e controversas obras, como o *Stado Astrologico*, cuja reedição de Hamburgo veremos de seguida.

3.2. *Astrologia, a Universal Monarquia e a Pax Messiânica*

Votado ao estudo da matemática, Rosales crê na ideia, de inspiração platónico-pitagorizante, e bem apreciada pelos cabalistas, de que Deus Omnipotente, causa incriada e primeira, concebera e ordenara o mundo mediante números, proporções e figuras geométricas. Para Rosales o número –que contempla numa perspectiva mais aritmética, abstracta e unidimensional, e não tanto como elemento que sustenta a descrição física do mundo ¹³⁶– constitui fonte do conhecimento da natureza e da história, pelo que a compreensão de certos números e, conseqüentemente, de cálculos estelares permitem ao astrólogo desvelar o destino escatológico da Humanidade ¹³⁷.

Apologeta pois dos cálculos astrológicos, Rosales defende a noção de que Deus criou os astros para com eles conduzir o mundo inferior. Assim como um monarca governa seus reinos através de seus ministros,

da mesma sorte he de mayor grandeza, & Magestade em Deos governar o mundo pellas estrelas, causas segudas, & vniuersais dos effeitos naturais com a orde e, & virtude, com q as constituyo;

¹³³ Biblioteca da Ajuda, Códice 50-V-36, fls. 148-148v. Cf. NEVES SILVA, «O Físico Imanuel Bocarro Rosales», pp. 70-71.

¹³⁴ Cf. Cecil ROTH, «Notes sur les Marranes de Livourne», *RÉJ* 90 (1931), pp. 1-27: 14, n. 3.

¹³⁵ BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 197.

¹³⁶ Luís M. CAROLINO, «Scienza, Politica ed Escatologia nella Formazione dello “Scienziato” nell’Europa del XVII Secolo: il Caso di Manuel Bocarro Francês-Jacob Rosales», *Nuncius. Annali di Storia della Scienza* 19 (2004), pp. 477-506: 485-486.

¹³⁷ CAROLINO, «Scienza, Politica ed Escatologia», p. 488.

e os corpos celestes respeitam pois o Criador, já que

não faltão hum ponto de seus mouimentos, guardando a orde primeira, obedecendo, como instrumentos seus à vontade de Deos, q concorre co elles, como causa primeira em todas as ações. E esta he a prouidencia diuina, q Deos governe o inferior pello superior¹³⁸.

Habitante do baixo mundo sublunar, o homem, nas suas potências naturais, órgãos corporais e sentidos, encontra-se, à semelhança dos animais, «sobjeito ao Sol, & à Lua, & às Estrellas, & Planetas»¹³⁹; porém, apesar do domínio dos astros sobre o seu corpo, a sua alma goza de plena liberdade, pois «nem o Ceo nem as strellas tem directo influxo na alma, que he eterna, & immortal»¹⁴⁰. Possuidor de livre-arbítrio, o ser humano, no fundo, tem a capacidade de escolher inclinar-se para o bem ou virtude ou para o mal ou pecado, porque «as estrellas não obrigão mas inclinão»¹⁴¹; e o espírito do homem sábio dominará nas estrelas, pois não se deixa tomar pelo apetite ou inclinação do corpo «& nem lhe he obstaculo a influencia do Ceo, pera que deyxte de amar a virtude, & aborrecer o vicio, & eleger em suas ações aquillo que a razão & entendimento julga que he melhor»¹⁴².

Crendo pois que Deus governa o mundo através dos astros, mas que o homem se acha dotado de livre alvedrio, Rosales defende, como vimos, no seu *Stado Astrologico* de 1624, a eminente chegada de uma *aetas aurea*, de uma época de paz generalizada sob a égide de uma monarquia universal fundada a partir de Portugal e encabeçada pelo seu monarca D. Filipe III. Ao postular a vinda de tal idade de ouro, Rosales aproximara-se de outros autores da época moderna que também conclamaram o advento da paz em todo mundo sob o comando de um único rei, como Guillaume Postel (1510-1581), que atribuía o governo de concórdia mundial ao soberano de França¹⁴³, ou Tommaso Campanella (1568-1639), que durante algum tempo previu para o rei de Espanha a coroa da Monarquia Universal¹⁴⁴.

Publicado em Lisboa, no ano de 1624, o *Stado Astrologico* explana pois os indícios astrológicos propiciadores à emergência da Lusitânia como a derradeira

¹³⁸ BOCARRO FRANCÉS, *Anacephaleoses*, fl. 41.

¹³⁹ Manuel BOCARRO FRANCÉS, *Tratado dos Cometas que Apareceram em Novembro Passado de 1618* (Lisboa 1619), fl. 15v.

¹⁴⁰ BOCARRO FRANCÉS, *Anacephaleoses*, fl. 52v.

¹⁴¹ BOCARRO FRANCÉS, *Tratado dos Cometas*, fls. 15v-16.

¹⁴² BOCARRO FRANCÉS, *Anacephaleoses*, fl. 54.

¹⁴³ Cf. Umberto ECO, *A Procura da Língua Perfeita* (Lisboa 1996), p. 84.

¹⁴⁴ CAROLINO, «Scienza, Política ed Escatologia», p. 482.

monarquia do mundo sob domínio de seu rei D. Filipe III, encontrando-se ao mesmo tempo pejado de subtilezas metafóricas apelando à autonomia portuguesa do jugo castelhano, confirmadas e explicadas depois na *Luz Pequena*, mandada estampar em Roma, no ano de 1626, por Galileu, também ele apreciador de temas astrológicos¹⁴⁵. Quando Portugal já se acha restaurado, o *Stado Astrologico* é, como vimos, reeditado no ano de 1644, sob o título *Status Astrologicus. Anacephaleosis I. Monarchiae Lvsitanae* e em conjunto com a segunda edição do *Foetus Astrologici* e o prolixo índice do *Regnum Astrorum Reformatum*.

Impresso por Henrici Wernereri, tipógrafo da cidade de Hamburgo, o *Status Astrologicus* constitui uma versão bastante alterada da edição princeps, mas que Rosales diz ser a versão original enviada ao impressor de Lisboa em 1624, a qual terá sido vista pelo examinador da Inquisição Gregório Cabral, que a alterou, suprimindo umas partes e modificando outras, acabando a obra, na ausência do autor, por ser publicada com adulterações e com os versos acerca da Pedra Filosofal que não lhe pertenciam¹⁴⁶. Porém, esta afirmação de Rosales deixa-nos algumas reservas, pois a edição de 1644, mais do que a reposição da versão original de uma obra censurada, parece-nos consistir, como dissemos e veremos, num escrito que serve para reforçar a posição do autor junto da Coroa espanhola para quem trabalha, posto que exalta D. Filipe IV de Espanha como o *Encoberto* rei da universal monarquia portuguesa, anunciando ao mesmo tempo, de forma velada e metafórica, a vinda do Messias judaico.

Versão de enaltecimento a D. Filipe IV, o *Status Astrologicus* apresenta então muitas diferenças em relação à edição *princeps*. Vem aumentado de duas oitavas, passando a compor-se de 133 estâncias, acompanhado de uma tradução latina, para alcançar um público mais vasto, e desprovido das ditas anotações finais, a «Annotaçam Chrysopea» e a «Annotaçam Astrologica». Ao mesmo tempo, foram-lhe retiradas as estrofes consagradas à Alquimia, vinte estâncias ao todo, e colocaram-se-lhe oitavas inteiramente novas, aparecendo algumas antigas bastante alteradas; ademais, o nome de Cristo, surgido em cinco lugares na edição de 1624, foi extraído e substituído por «santo» e «céu» e introduziu-se uma menção a Gonçalo Anes Bandarra (?-1545)¹⁴⁷, sapateiro de Trancoso autor de umas *Trovas*

¹⁴⁵ Luigi GUERRINI, «Luz Pequena. Galileo fra gli Astrologici», *Bruniana e Campanellana. Ricerche filosofiche e materiali storico-testuali* 7 (2001), pp. 237-244.

¹⁴⁶ Immanuelis BOCARRI FRANCES y ROSALES, *Status Astrologicus. Anacephaleosis I. Monarchiae Lvsitanae* (Hamburgo 1644), p 2. Cf. António José SARAIVA, «Bocarro-Rosales and the Messianism of the Sixteenth Century», in *Menasseh ben Israel and his World*, ed. Yosef KAPLAN, Henry MÉCHOULAN & Richard H. POPKIN (Leiden, New York, etc. 1989), pp. 240-243: 242.

¹⁴⁷ SARAIVA, «Bocarro-Rosales», p. 243.

em que se anuncia a eminente vinda do *Encoberto* e o estabelecimento a partir de Portugal do tão sonhado governo universal¹⁴⁸, as quais eram muito apreciadas pelos cristãos-novos judaizantes, que viam no rei «por descobrir» nelas apontado o Messias que tanto esperavam, e pelos sebastianistas, os crentes de que D. Sebastião (1554-1578) não falecera na trágica Batalha de Alcácer Quibir (1578) e que ele ou alguém de seu sangue iria (re)aparecer para libertar o ceptro lusitano do jugo de Castela. Aquando da restauração de Portugal, Bandarra viria a alcançar o estatuto de profeta nacional, a ponto de, no dia da aclamação solene de D. João IV (1640-1656), haver uma imagem sua no altar da Sé, como se fora um santo, e os pregadores dizerem serem as suas *Trovas* verdadeiras profecias¹⁴⁹.

Incluindo pois uma alusão a Bandarra, o *Status Astrologicus* apresenta mais uma diferença substancial em relação à edição princeps: enquanto esta é uma composição corrida aquele aparece dividido em quatro secções. Com efeito, na primeira delas, declara-se o verdadeiro fundamento dos reinos através da dita ninfa simbolizando a honra; na segunda, apontam-se brevemente as causas astrológicas das mudanças nos reinos, sendo predita a restauração da Coroa lusitana; na terceira, trata-se do herói «Admirandus» ou *Encoberto* e a sua grande monarquia no mundo; e na quarta, indigitam-se as principais mutações a ocorrer nos reinos da Europa. Vejamos de perto cada secção.

Distribuindo-se ao longo de trinta e seis oitavas, a primeira secção do *Status Astrologicus* apresenta a referida ninfa que, de vestido roto mas de pudícia guardada¹⁵⁰ e ostentando uma lança e uma cornucópia, constitui «do mundo a Honra verdadeira»¹⁵¹. Alimentando os mais esforçados heróis, esta revela que nunca se achou tão suprema ou foi tamanha como quando se via entre as gentes da forte Hespanha¹⁵², terra onde criou os Luzitanos, nação belicosa de «major brio, & pia alteza»¹⁵³, a quem nenhuma antiga excede, e que, pelo seu tão excelso valor, emergirá no orbe como a mais potente e derradeira monarquia, «sublime Fado, / Que Deos quasi ab eterno engrandeça / E nas Luzes çelestes o escrevia»¹⁵⁴.

Após anunciar a futura monarquia universal dos Lusos, a ninfa, na segunda secção, composta por quarenta e quatro estâncias, indica, numa estrofe intei-

¹⁴⁸ ELIAS LIPINER, *Gonçalo Anes Bandarra e os Cristãos-Novos* (Trancoso 1996), p. 25.

¹⁴⁹ JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, *A Evolução do Sebastianismo* (Lisboa 1984), p. 66.

¹⁵⁰ ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 5, oit. 13.

¹⁵¹ ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 6, oit. 16.

¹⁵² ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 7, oit. 22.

¹⁵³ ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 8, oit. 25.

¹⁵⁴ ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 9, oit. 32.

ramente nova, que os seus versos, bem ao estilo da edição princeps do *Stado Astrologico*, desvelado na *Luz Pequena*, se acham dotados de dois sentidos simultâneos, um de feição literal e outro de teor metafórico: «Entende ao Literal o que te digo, / Que tambem por Metafora se entende, / Que isto, dos versos, he Direito antigo, / Do Vate a voz tamben, tudo compreende»¹⁵⁵. Introduzindo ainda a noção metafísica de que o «LUZO vem da LUZ lugar amigo / De Deos»¹⁵⁶, a ninfa continua a dissertar acerca dos destinos políticos do mundo, revelando que afinal, mais do que um governo universal, se afigura surgirem «Dous Thronos, dous Imperios [...] Dobrado Olympo», um que tem «firmeza / De raizes antigas na esperança»¹⁵⁷ e o outro que se toma só por semelhança. Ora tal «Dobrado Olympo» parece ser a recuperação e a inclusão do já citado tema das duas monarquias que Rosales expusera dois anos depois de sair o *Stado Astrologico* na *Luz Pequena*, monarquias essas que, como vimos, são entre si semelhantes e detêm sucessos quase paralelos, sendo que uma delas, a «imprópria», está prenhe da luz da Lua e das estrelas e corresponde a Portugal e que a outra, a «própria», irradia a luz do Sol, tendo a sua identidade ficado por desvendar. Francisco Moreno Carvalho vê nesta teoria das duas monarquias expressão do messianismo judaico, onde consta a ideia de que a Redenção terá lugar em dois estágios: num terrestre, iniciado por um Ungido chamado Messias filho de José e que combaterá a nível militar; e noutro cósmico e final, que se manifestará com o aparecimento do Messias filho de David¹⁵⁸. Com efeito, as duas monarquias de Rosales expostas na *Luz Pequena* contemplam, para Moreno Carvalho, as duas esferas da Salvação: a política e terrestre, impregnada da luz lunar e estelífera e guiada por um rei não judeu, um monarca ligado à coroa portuguesa; e a espiritual e derradeira, pautada pela luminosidade solar e conduzida pelo Ungido judeu da Casa de David¹⁵⁹.

Desta forma, corroborando a opinião de Moreno Carvalho, os «Dous Thronos» referidos no *Status Astrologicus* afiguram-se-nos pois as duas monarquias mencionadas na *Luz Pequena*, visto que o trono que possui «raizes antigas na

¹⁵⁵ ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 11, oit. 40.

¹⁵⁶ ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 11, oit. 40.

¹⁵⁷ ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 10, oit. 37.

¹⁵⁸ FRANCISCO MORENO CARVALHO, «On the Boundaries of our Understanding: Manoel Bocarro Francês-Jacob Rosales and Sebastianism», in *Troubled Souls: Conversos, Crypto-Jews, and other Confused Jewish Intellectuals from the Fourteenth through the Eighteenth Century*, ed. Charles MEYERS & Norman SIMMS (Hamilton 2001), pp. 65-75: 73. Sobre este assunto veja-se também António C. CARVALHO, *Prisioneiros da Esperança. Dois Mil Anos de Messias e Messianismos* (Lisboa 2000), pp. 64-69.

¹⁵⁹ CARVALHO, *Prisioneiros da Esperança*, pp. 64-69.

esperança» parece evocar Israel e os cristãos-novos, que vivem em «cativeiro» na Península ibérica e aguardam o seu Messias, ao passo que o trono que «se toma sò, por semelhança»¹⁶⁰ parece reportar-se à Coroa lusitana, que durante sessenta anos estaria «cativa» de Espanha e aguardava a vinda do seu libertador D. Sebastião, num seu parente ligado à Casa de Bragança segundo Rosales, como vimos. Este último é então o trono ou monarquia perfumada pelo *lumen* da Lua e das estrelas, que será pois restaurada e que, de acordo com os indícios astrológicos, conquistará o orbe belicamente, correspondendo assim à primeira fase da Redenção; enquanto que o primeiro é o trono ou monarquia banhada pela perpétua luz solar, a quem cabe a derradeira etapa da Salvação, a iluminação espiritual fornecida pelo Messias filho de David. A comprovar este sentido, é de salientar o quanto o *Status Astrologicus* se encontra pejado de alusões messiânicas: por um lado, alega que o herói «Admirandus» tratado na composição «he mais que humano»¹⁶¹, portanto, passível de ser encarado como o Redentor; por outro, como frisámos, faz derivar o Luso da luz, luz que, claramente, é um tópico messiânico, pois o Ungido é havido como «a luz das nações»¹⁶², ideia que fora bastante desenvolvida no messianismo cristão, nomeadamente em S. Lucas, na passagem em que Simeão, a quem o Espírito Santo revelara que não faleceria sem ver o enviado do Senhor, tomou Jesus nos braços, reconhecendo então que seus olhos observavam a salvação que Deus oferecera «a todos os povos, luz para se revelar às nações»¹⁶³. Porém, é em S. João que a identificação do Messias cristão com a luz toma uma forma mais intensa, precisamente no momento em que o próprio Nazareno afirma «Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida»¹⁶⁴.

A par da menção à luz, Rosales, no *Status Astrologicus*, alude ainda à «pedra Metaforica do Templo»¹⁶⁵, introduzindo assim o topos messiânico da pedra, tão caro aos judeus, como bem atesta o Padre António Vieira (1608-1697) na sua *História do Futuro*, onde, reportando-se aos rabinos, refere que estes «acertam em dizer que nesta Pedra está profetizado o Reino do Messias»¹⁶⁶. Ora esta pedra, a «pedra Metaforica do Templo» nos versos rosalianos, é então a pedra

¹⁶⁰ ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 10, oit. 37.

¹⁶¹ ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 11, oit. 40.

¹⁶² Isaías 42:6.

¹⁶³ Lucas 2:32.

¹⁶⁴ João 8:12.

¹⁶⁵ ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 11, oit. 41.

¹⁶⁶ Cf. António VIEIRA, *História do Futuro*, introd., actualização de texto e notas por M. Leonor Carvalhão BUESCU (Lisboa 1992²), p. 278.

em que Jacob adormeceu e sonhou com uma escada ligando a terra e o céu por onde subiam e desciam Anjos; a pedra fundamental sobre a qual se fundou o Templo de Jerusalém; e/ou a pedra profetizada por Daniel, a partir do sonho do rei Nabucodonosor, que, caída de um monte, derrubaria uma estátua figurando vários reinos, prenunciando assim o advento da derradeira monarquia ou governo messiânico¹⁶⁷.

Após tecidas estas alusões messiânicas, o *Status Astrologicus*, ao longo da segunda secção e das restantes, vai continuando a discorrer acerca da monarquia portuguesa, a tal receptora da luminosidade da Lua e das estrelas e por ventura destinada a cumprir a etapa inicial da Redenção. Começa então por referir a trágica perda de D. Sebastião em Alcácer Quibir, «tempo naó feliz, mas çerto»¹⁶⁸, e a consequente perda da independência lusitana, a qual viria, no entanto, a ser recuperada; depois, bebendo em autores como Ptolomeu, Nicolau Copérnico e Gerolamo Cardano, entre outros, vai expondo os cálculos estelares que inclinam Portugal a emergir como a última monarquia do mundo. A vocação universal lusitana aparece então anunciada nos já citados aspectos celestes: nos efeitos da conjunção máxima de Júpiter e Saturno no signo de Sagitário que se farão sentir na conjunção menor seguinte realizada pelos mesmos planetas no signo de Leão vinte anos depois¹⁶⁹; na mudança da «Eccentricidade do Sol claro»¹⁷⁰, donde se conjectura que a partir do ano de 1653 «se ha de leuantar a vltima e mais poderosa Monarchia»¹⁷¹; e na alteração do auge do Sol que, tendo muita força na Terra e caminhando para o signo de balança, muito beneficiará Lisboa, cidade regida por este signo, e o resto do reino como a grande monarquia, pois é forte a sua acção:

Confirma a Luzitana preeminência / A mudança dos Auges, que virada
/ Para o Luzo a do Sol, grata influência / Lhe infunde¹⁷².

Revelados pois os aspectos siderais que privilegiam Portugal como a derradeira monarquia, o *Status Astrologicus*, na terceira secção, de vinte estrofes,

¹⁶⁷ Veja-se esta descrição eloquentemente tratada em VIEIRA, *História do Futuro*, pp. 277-278.

¹⁶⁸ ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 12, oit. 45.

¹⁶⁹ «Da conjunção passada os acompanha / A energia, nos efeitos, nos rigores / Que no signo Chyron, snór d'Hispanha / Tiveráo estas LUZES superiores», FRANCES y ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 13, oit. 51.

¹⁷⁰ ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 13, oit. 52.

¹⁷¹ BOCARRO FRANCÉS, *Anacephaleoses*, fl. 46.

¹⁷² ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 14, oit. 55.

disserta sobre o rei *Encoberto* ou varão «Admirandus», vulto virtuoso e de «valor magnifico, & profundo»¹⁷³, que possui um nome e um poder notórios, «Vencendo Famas, usurpando glorias»¹⁷⁴ e constituindo a ruína de todo aquele que se lhe opuser. Este varão, que as «estrellas mais sublimes produzirão»¹⁷⁵, é então, como vimos, D. Filipe IV de Espanha, que, na verdade, consistirá no legítimo senhor da Coroa portuguesa, entretanto recuperada pela linhagem lusitana de Bragança. Deste modo, após ter defendido e aclamado a independência de Portugal, Rosales parece insinuar agora a reunificação dos reinos peninsulares, mediante a sibilina e metafórica oitava 93, onde a «Viúva» se afigura ser a Lusitânia a tornar a seu antigo mando:

Viuva libertou dezempurada; / O sceptro restitue, que usurpando /
No castigo o poder, com falsa espada, / Tirou do tronco sacro, & venerando: / A Republica enfim despedaçada / Reconheçe outra vez o antigo mando; / Cada hum toma por si, o que te digo, / Mas eu somente fallo aqui contigo¹⁷⁶.

Verdadeiro rei da Universal Monarquia Lusitana, D. Filipe IV irá então dominar o mundo, havendo de derrubar o Turco e de conquistar a Palestina, encerrando em si para esse efeito «moçao divina»¹⁷⁷. Porém, antes desta sua árdua vitória, como é referido na quarta seccção, disposta ao longo de trinta e três estâncias, o mundo sentirá grandes males, desfazendo-se repúblicas, vacilando majestades e confundido-se magistrados¹⁷⁸, danos que afectam numerosos estados da Europa, como o «Germano, o Ingres, o Franco, o Iberio, / Belgas, Polono, Moscovita impuro, / Dano, Sueco, Laçio, & Transilvano»¹⁷⁹. Mas eis que, neste cenário de mortandade de tantos reinos, o Lusitano, prenhe de «valor tam divino, & soberano»¹⁸⁰, erguer-se-á e, amplificando-se, será «Emporio do universo, summo, e grande»¹⁸¹, mandando o seu monarca em todo o mundo. Sob seu governo viver-se-á então, como aludimos atrás, uma idade áurea, em que

¹⁷³ ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 19, oit. 82.

¹⁷⁴ ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 20, oit. 85.

¹⁷⁵ ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 20, oit. 83.

¹⁷⁶ ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 22, oit. 93.

¹⁷⁷ ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 23, oit. 98.

¹⁷⁸ ROSALES, *Status Astrologicus*, pp. 23 e 24, oit. 102.

¹⁷⁹ ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 24, oit. 103.

¹⁸⁰ ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 28, oit. 122.

¹⁸¹ ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 29, oit. 128.

a guerra sucumbe ao remédio da concórdia, posto que é chegado o «Príncipe da Paz»¹⁸². Curiosamente, o *Príncipe da Paz* constitui outro topos messiânico, assim sendo chamado o próprio Cristo, pelo que o *Status Astrologicus* finda remetendo de novo para os dois tempos da Redenção e para o tema das duas monarquias: anuncia directamente a monarquia da luz da Lua e das estrelas, Portugal, a quem cabe a primeira fase da Salvação, sob o comando de D. Filipe IV de Espanha, chefe militar que, subjugando todas as nações, difundirá uma esperança de paz, atributo do Ungido filho de José; depois, no seu jogo metafórico, deixa sugerida a monarquia da perene luz solar, o reino do Messias filho de David que, vindo reparar espiritualmente o mundo, cumpre a derradeira etapa da Redenção instaurando a paz definitiva e universal¹⁸³.

Aspirando pois à vinda do Salvador, Rosales foi, em suma, bastante titubeante no que toca à Monarquia portuguesa, que previa universal. Em 1624, no seu *Stado Astrologico*, defendera a Lusitânia como a última Coroa dos tempos sob domínio de D. Filipe IV de Espanha (III de Portugal), ao mesmo tempo que, contraditoriamente, dotava a composição de alusões metafóricas exortando à autonomia lusa de Espanha, ideia que viria a confirmar e desenvolver em 1626 na sua *Luz Pequena Lunar*; contudo, em 1644, andando a realizar trabalhos diplomáticos para o monarca castelhano, parece propor a reunificação dos dois ceptros ibéricos no seu *Status Astrologicus*, onde continua a fazer de Filipe IV de Espanha o herói da então restaurada Monarquia portuguesa, a quem estaria consagrada a primeira fase da Redenção; todavia, em 1658, quando já se encontra bem instalado em terras toscanas, e olvidando que andara a danificar interesses lusitanos na Alemanha, volta a apoiar a independência de Portugal em relação a Castela, prevendo, como atrás referimos, a vitória das tropas lusitanas nas guerras travadas com Espanha a seguir à Restauração, pois, a seus olhos, na defesa de seu reino o Luso é senhor do Castelhana, facto mostrado pela experiência e pelas estrelas.

4. CASTRO E ROSALES: DUAS FIGURAS MARCANTES. NOTAS CONCLUSIVAS

De gerações diferentes, Castro e Rosales foram portanto dois doutos médicos que pautaram a cultura escrita de sua época. Embora pareça não terem convivido, o segundo certamente partilhou as ideias do primeiro: na visão de Castro, o

¹⁸² ROSALES, *Status Astrologicus*, p. 28, oit. 124.

¹⁸³ Sobre a relação do Messias com a Paz veja-se CARVALHO, *Prisioneiros da Esperança*, pp. 65 e 67.

físico, além de actuar no microcosmos, na gestão do corpo, também podia agir no mesocosmos, no governo dos homens, pelo que a medicina emerge como gerência individual mas igualmente colectiva; a esta posição teórica, qual fiel «discípulo», corresponde Rosales, físico, como vimos, muito embrenhado, pela profissão médica, no cuidado do microcosmos, pelos seus estudos celestes, na pesquisa do macrocosmos, e pelas suas actividades políticas, no governo do mesocosmos. Como tal, apropriando-nos do título da obra de Castro, podemos dizer que Rosales foi um verdadeiro *Medicus Politicus*, que desde cedo reflectiu acerca da história e mudanças de reinos e estados.

Crete à semelhança de Castro em concepções cabalísticas, e ainda inspirado por doutrinas pitagóricas e platónicas, Rosales foi, no fundo, um médico muito habituado a circular nos meios cortesãos, de tão procurado que era por numerosos príncipes mercê de sua sapiência científica e cálculos astrológicos; perscrutando os céus, tecia mapas natais da gente da governança, que cruzava depois com os dados colhidos de seus cálculos siderais sobre as mutações de reinos e impérios, para daí extrair ideias acerca dos destinos dos povos e do próprio curso da história; ainda que oscilasse na política ibérica, ora incitando a Restauração de Portugal ora parecendo apoiar uma espécie de monarquia dual ora tornando a defender a independência lusa, previa para o ceptro português a consumação da monarquia última e universal, advento da *aetas aurea*; mas esta sua expectativa política afigurava-se impulsionada e atravessada por arrebatamentos messiânicos, pois, em fulgor místico e poético, a Coroa lusitana, com o brilho da Lua e das estrelas, concretizaria a primeira fase da Remissão, subalternizando todas as nações sob uma paz incipiente, após a qual surgiria a plena monarquia que, impregnada do esplendor solar, curaria o mundo ao trazer-lhe a paz perene, cumprindo assim a derradeira fase da Salvação¹⁸⁴.

¹⁸⁴ Aquando da aprovação para publicação do presente artigo desconhecíamos a existência do estudo entretanto publicado de Jon ARRIZABALAGA, «Medical Ideals in the Sephardic Diaspora: Rodrigo de Castro's Portrait of the Perfect Physician in early Seventeenth-Century Hamburg», in *Health and Medicine in Hapsburg Spain: Agents, Practices, Representations*, ed. Teresa HUGUET-TERMES, Jon ARRIZABALAGA e Harold J. COOK, *Medical History*, Supplement n.º 29 (London 2009), pp. 107-124

*Anexo: Autores e obras recomendados por Rodrigo de Castro*¹⁸⁵

AUTORES	OBRAS
Abenzoaris	
Adamus Lonicerus	
Aelianus	<i>De Varia Historia</i>
Amato Lusitano	<i>Centuria et curationes foresti</i>
Ambrosio Nunes Lusitano	<i>Aphorismos de Hipocrates</i>
Ambrosius Pareus	
Andreas Laurentius	
Andreas Valcacer	
Andreas Vesalius Bruxellensis	<i>[De Humani Corporis fabrica, Basileia, 1543]</i>
Andres Lacuna	
Antonius Benevenius	<i>De Morbis rarioribus</i>
Antonius Calmeteus	
Antonius Musa Brasavola	
Areteus Cappadox	
Aristóteles	<i>De historia</i>
Averrois	
Avicena	
Bartholomaes Montagnana	
Benedictus Victorius Faventinus	
Bottalus	<i>De sanguini missione</i>
Brutus Lusitanus, (filho de Dionisio)	
Caelios Aurelianus	
Carolus Clusius	
Christophorus a Vega Hispanus	
Columella	
Conradus Gesnerus	<i>De animalibus</i>
Cornelius Celsus	
Damião de Goes	
Donatus Antonius	<i>Ab Altomari Galeni allegationibus insigne</i>
Emmanuel Meteranus	<i>De Bélgica</i>
Flávio Josefo	<i>Historia Judaica</i>
Francisci	<i>Valleriolae observations</i>
Francisco Veletius	<i>Epidemiorum</i>
Franciscus Valesius Covaruvianus	<i>Controversiis Medicis,</i>
Fulginio	<i>Gentilis</i>
Gabriel Fallopius	
Galeno	

¹⁸⁵ CASTRO, *Medicus Politicus*, Livro 2, pp. 84-91.

AUTORES	OBRAS
Georgius Bertinus Campanus	
Gordonius Valescus de Taranta	
Guido de Cauliaco	
Guilelmi	<i>Varignanae Empirica</i>
Gulielmus Rondeletius	<i>De piscibus</i>
Heródoto	
Hieronimus Mercurialis	
Hipócrates	<i>Arten Medicam de Galeno</i>
Hollerius	
Homero	
Hugo Senensis	
Ishac	(da escola de Pedro Hispano)
Jacobi Weckeri	<i>dispensatorium generali e speciale Nor- ibergense insuper e augustanum dispen- satorium, evonymi secreta e quercetoni pharmacopaea restituta</i>
Jacobo de Foro	<i>Livius Aphorismos</i>
Jacobus Partibus	<i>Opera Medica Avicenas</i>
Jacobus Silvius	
Jeremias Brachelius	
Joanes de Vigo	
Joanis Branci Petrafitani	<i>comentários a Hipócrates</i>
Joannes Baptista Montanus	
Joannes Fernelius Ambianus	
Joannes Fragosus	
Joannes Gorraeus Gallus	
Joannes Guinterius Andernacus	
Joannes Gvainerius	<i>omnes ex ubertate remediorum commendati</i>
Joannes Hollerius	
Joannes Manardus	<i>Epistolis</i>
Joannes Mariana	<i>De Hispânica</i>
Joannes Ruellius	
Joannes Valeriola	<i>libros de Morbo; Symptomate</i>
Joannes Vaseus	
Joannis Boteri	<i>Relationes universalis</i>
Joannis Cratonis	<i>Consilia et epistolis</i>
Joannis Scenchi, Francisci	<i>Valleriolae observationes</i>
João de Barros	<i>[Décadas]</i>
Julius Palmarius	<i>Morbo Gallico e morsu canisrabidi</i>
Justinus	
Leonardus Fuchsius	
Leonardus Jachinus	<i>gravis e nervosus scriptor</i>
Leonellus Faventinus	<i>de Morbis Puerorum</i>

AUTORES	OBRAS
Lucrécio	
Ludovicus Lemosius	<i>Methodum Medendi</i>
Ludovicus Mercatus	
Marcus Cato	<i>Re Rustica</i>
Marcus Varro	
Marthioli	<i>Epistolis adjunctae circum feruntur e so- lenandri consilia</i>
Mathei de Garbo	<i>Narrationes Valleriolae, Summa</i>
Matheus de gradibus Herculanus	
Mathias Lobellius	<i>Luminare majus Manliis annotationibus il- lustratum</i>
Mathiolus Senensis	<i>De Populis septentrionalibus</i>
Mesuae	<i>De Rebus Turcicis</i>
Michael Neander	<i>[Materia Medica]</i>
Nicolaus Florentinus	<i>Minadous de Historia Pérsica</i>
Palladius	<i>De Curandi Ratione per medicamentum</i>
Paschalius	<i>De Indica</i>
Paulus Jovius	<i>Tymaeo</i>
Pedaneo Dioscorides	<i>Universa Mulierum Medicina</i>
Petro Bizarus e Joannes Thomasius	<i>De Danica</i>
Petrus Aponensis	<i>De Germânica</i>
Petrus Bravus	<i>Libro 2 Glauconem</i>
Petrus Mártir	<i>controversiae</i>
Petrus Masseus	
Platão	
Plínio	
Plínio Segundo	
Plutarco	
Quintus Serenus	
Realdus Columbus	
Rembertus Dodoneus	
Rhazae	
Rodrigo Castro	
Rufus Ephesius	
Saxo Grammaticus	
Scribonibus Largus	
Serapiones	
Sleidanus	
Stephanus Atheniensis	
Strabo	
Sylvatici	
Tácito	
Tagautius	

AUTORES	OBRAS
Theodorus Priscianus	
Theodorus Siculus	
Thuanus	<i>De historia gallica</i>
Tito Livio	
Togautius	
Tomas Rodrigues Vega Lusitanus,	<i>Artem Medicam Galeni, libros Loci Affectis, Differentiis Febrium</i>
Tracagnota	<i>De Italica</i>
Valerius Cordus	<i>Lunen Apothecariorum e thesaurus aromatariorum</i>
Valverdius	
Vários autores,	<i>Novi Orbis Historia</i>
Victorius Faventinus	
Virgílio	

Recibido: 15/12/2009

Aceptado: 01/02/2011